

Roger conseguiu curar-se da AIDS:

Sua luta e sua vitória

Bob Owen

ÍNDICE

Introdução da edição francesa.....	2
A palavra do autor	4
Capítulo 1	5
Capítulo 8	9
Capítulo 12	15
Capítulo 14	23
Capítulo 16	29
Capítulo 17	34
Capítulo 19	39
Capítulo 20	45
Capítulo 21	52
Capítulo 22	57
Capítulo 23	64
Uma palavra de Roger	69

Introdução da edição francesa

Este livro conta uma história inacreditável à primeira vista: a história de um homem que se curou da AIDS. Essa recuperação impossível para a maioria de nós e, no entanto, testemunhos deste tipo são cada vez mais numerosos. O caso relatado neste livro apresenta, porém, uma particularidade: ele mostra não apenas o caminho do doente, mas também o do seu médico e a evolução da visão deste último frente à doença.

"Bob Smith" é um exemplo clássico de clínico geral da costa oeste dos Estados Unidos. Quando vê chegar Roger, seu amigo e primeiro paciente aids, sente-se impotente como todos os outros médicos que Roger havia consultado até então, pois a medicina ortodoxa não tem nenhuma medida eficaz para propor. Tendo que enfrentar esse problema, o médico faz pesquisas e descobre um outro universo. Percebe, primeiramente, que em muitas áreas, especialmente em doenças graves como o câncer, as informações podem ser inteiramente opostas, dependendo das fontes. Essa constatação abala suas convicções médicas provenientes de vinte anos de prática. Então, vai descobrindo, pouco a pouco, as leis da saúde, que lhe revelam claramente as causas reais das doenças. Decide tentar aplicar os princípios decorrentes dessas leis. Os resultados são tão convincentes que ele atinge o ponto em que não há mais volta: não pode mais receitar remédios para esconder os sintomas e dar a ilusão passageira de uma cura.

No que diz respeito a AIDS, o problema situa-se em vários níveis. Mesmo no meio científico, há importantes divergências quanto às origens da doença; alguns acusam as campanhas de vacinação enquanto outros falam de acidente de laboratório... Outras idéias também começam a se fazer ouvir: o vírus HIV não poderia ser, isoladamente, a causa da AIDS. Para que ele possa se instalar no organismo são necessários fatores imunodepressores, que estão ligados ao nosso modo de vida: alimentação industrial, abuso de medicamentos químicos e drogas legais (tabaco, álcool) e ilegais, *stress*, etc.

As consequências terapêuticas desse último ponto de vista são evidentes. Obrigam doentes e médicos a dar, sem perda de tempo, uma volta de 180 graus e adotar um conceito holístico, ou seja, empregar técnicas que visam atingir os diferentes níveis do ser humano e permitem voltar a uma alimentação sadia, desintoxicar o organismo, desenvolver uma capacidade de reagir ao *stress* e liberar as emoções. Todas essas terapias alternativas têm um único objetivo fundamental: aumentar as defesas imunológicas. O indivíduo torna-se responsável pela sua saúde e aprende a administrá-la como um capital.

Graças a essas tomadas de consciência sucessivas, o doutor Bob Smith pôde propor a seu amigo e paciente Roger uma abordagem que transformou completamente a vida de ambos: Roger, que estava condenado à morte, sarou e Bob mudou completamente a orientação em sua prática médica.

Um testemunho como esse não existia ainda e, portanto, é essencial. Não deixará de provocar reações intensas, pois a tese proposta, embora nítida e clara, exige de cada um de nós uma verdadeira volta sobre si mesmo. Aqueles que lerem este livro não poderão mais ter a mesma visão a respeito da AIDS nem das doenças em geral. Vão encontrar motivos para ter a esperança, a confiança e o otimismo de que o mundo de hoje tanto necessita.

Edições Soleil

A palavra do autor

Esse livro começou faz muito tempo. Desde bem jovem eu já me interessava pelo estudo do corpo humano. Terminado o colegial fiz um curso de enfermagem por um ano. Quando veio a Segunda Guerra Mundial, meu treinamento militar incluía uma grande parcela de treinamento médico. No dia em que saí pela primeira vez com meu novo distintivo dourado fui nomeado "médico de bordo".

Como médico de bordo eu tratava de tudo - desde cortes, ferimentos e apendicite aguda até meningite sífilítica em estado terminal. Desde então, sentia a enorme frustração que muitos médicos experimentam por aprenderem a tratar só os sintomas e não as causas.

Quando conheci o Dr. Bob Smith e soube de sua incrível história, achei que era preciso divulgá-la. O Dr. Bob preferiu permanecer incógnito e seu verdadeiro nome não aparece neste livro, mas essa história é tão dele quanto minha. A bem da verdade, mais que isso. Eu sou apenas aquele que a escreveu.

Desde o início, por meses a fio, buscamos sempre a verdade com relação à natureza das doenças de um modo geral, e da AIDS em particular. Deixamos para o leitor a tarefa de julgar se fomos bem sucedidos.

Bob Owen

Malibu, Califórnia

setembro de 1987

Capítulo 1

Antes de Roger Cochran entrar em minha vida pela segunda vez, em agosto de 1986, tudo corria bem para mim. Mas, depois que ele apareceu no meu consultório em Los Angeles, nada mais foi igual.

"Doutor Smith...", eu olhei. Janine disse, "Doutor, este é Roger Cochran. Ele disse que o senhor o conhece..."

Ao ouvir o nome de Roger meu coração deu um pulso, mas quando olhei para ele, não o reconheci. Se ela não tivesse dito quem ele era, eu jamais teria imaginado. Roger e eu somos da mesma idade e temos o mesmo porte. Mas aquele homem diante de mim era um velho encurvado, magro e cansado.

Roger e eu nos formamos juntos na Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia e pouco tempo depois estávamos no Vietnã. Servimos na mesma unidade em Saigon. Nem vou tentar descrever os horrores daqueles dois anos. Todos já estamos cansados de ver e ouvir falar desse fracasso da história norte-americana.

Muitos homens bons não conseguiram suportar a enorme pressão e perderam completamente o controle no Vietnã. Roger Cochran foi um deles. Estando ao seu lado, eu me identificava com ele e o compreendia. Nos primeiros seis meses de nossa estada em Saigon, passávamos praticamente o dia inteiro (e também muitas noites) tentando consertar soldados gravemente feridos que os vietcongues tinham se esforçado ao máximo para destruir - da maneira mais criativamente sádica que se possa imaginar.

A pressão constante foi demais para Roger e ele acabou recorrendo às drogas. Muitos médicos fizeram o mesmo. E também paramédicos, enfermeiros e soldados. O milagre foi todos nós não termos feito o mesmo.

Mas aconteceu que Roger teve a sorte de ser um dos que conseguiram se recuperar, obtendo uma dispensa honrosa. Depois da tomada de Saigon, voamos de volta para Vandenberg. Naquela noite, ficamos bêbados em São Francisco. Foi essa a última vez que vi Roger Cochran até o dia em que apareceu em meu consultório.

Ele riu - o mesmo sorriso meio torto de que me lembrava - e estendeu a mão. "Oi, Bob... há quanto tempo!"

"Roger!" Eu o abracei, sentindo suas costelas esqueléticas e seu ombro ossudo. "Roger", eu disse outra vez, afastando-o um pouquinho. "Faz realmente muito tempo. Que bom ver você..."

O sorriso torto desapareceu, ficando uma expressão de desânimo. "É", ele disse, afundando na cadeira, "mesmo eu estando desse jeito?"

"Mas é claro... claro..." O choque inicial já havia passado e eu havia recuperado um pouco meu autodomínio. "Como estão as coisas com você? O que está fazendo em Los Angeles? Ouvi dizer que você clinicava perto da baía de São Francisco. É verdade?"

Ele ergueu as mãos, como para deter minha torrente de perguntas. "Mais devagar, Bob. Uma pergunta de cada vez."

"Está certo, desculpe. Mas, afinal, o que é que está acontecendo? Você está trabalhando em São Francisco, não está?"

Ele balançou a cabeça, triste. "Não estou mais. Eu clinicava lá, em San Mateo, até uns seis ou oito meses atrás..." Fez uma expressão de incerteza. "Aí, eu... bem, eu parei."

Percebi que algo muito grave estava acontecendo e não insisti. Esperei.

Roger ficou em silêncio por um bom tempo. Cruzou e descruzou suas longas pernas. Respirou fundo. "Você está curioso para saber por que estou aqui... Em Los Angeles... no seu consultório?"

"Bem, estou. Lógico. Mas Roger, você não precisa de convite para vir ao meu consultório. Você sabe disso."

Ele olhou em volta e fez que sim com a cabeça. Em vez de responder diretamente, disse: "Parece que você tem uma boa clientela aqui."

"Razoável", disse. "Levou alguns anos até chegar a esse ponto... mas estou feliz aqui."

Roger balançou a cabeça novamente, concordando. "Você se especializou em alguma coisa?", perguntou.

"Não. Sou de uma espécie em extinção. Clínico geral. Mas é bom, as pessoas gostam da gente. E acho que sou bom no que faço."

"Você sempre foi bom no que fazia", Roger disse sem nenhum traço de cinismo.

"Obrigado", eu disse, imaginando aonde ele queria chegar. Observei sua face encovada e os olhos fundos. A pele pálida indicava dor e sofrimento.

Roger olhou bem nos meus olhos. "Bob, estou aqui porque preciso de um bom médico..."

"Mas você é um... não estou entendendo."

Ele riu sem nenhuma alegria. "Nem poderia, Bob. E nem é justo dei-

xar você imaginando. Vou direto ao assunto. Acho que sou azarado ou algo parecido, porque eu peguei... essa coisa ruim. Essa que está em todas as revistas, TV, jornais..."

Franzi as sobrancelhas, muito concentrado. Aí tudo começou a ficar claro para mim: o emagrecimento excessivo, o mal-estar generalizado... "Você quer dizer...?"

Ele concordou. "É. AIDS. Dizem que estou com AIDS!", acrescentou displicentemente, "Você sabe o que quer dizer - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida..."

Ignorei o sarcasmo. "Não estou entendendo..."

"Nem eu. Nem ninguém, pelo que parece. Não sei como peguei e nem se é isso mesmo. Mas seja lá o que for, Bob, está acabando comigo. Por isso vim procurar você, velho amigo."

Respirei fundo. "Mas, Roger, eu nunca vi um paciente com AIDS. Não sei nada sobre a doença, ou a síndrome, ou seja lá o que for. Sou só um clínico geral..."

"Você tem razão num ponto, Bob, e você reconhece isso. Você não sabe nada sobre a AIDS. Poucos médicos sabem, só que não admitem. Eles receitam u monte de remédios e ficam torcendo para alguns fazerem efeito. Mas nenhum faz efeito. Isso eu posso afirmar."

Não respondi. Não sabia o que dizer.

"Mas você está enganado em outro ponto, Bob. Eu sempre disse que você é o melhor médico que conheço. É o melhor em diagnóstico. É o melhor cirurgião não especializado... é o melhor com pacientes. E é por isso que estou aqui."

Percebi que Roger falava com esforço, ofegante a cada respiração. Fez um gesto cansado. "Um dia eu disse a mim mesmo, vou ver se meu velho amigo Doutor Bob Smith consegue decifrar esta coisa. Por isso... aqui estou, doutor. Estou em suas mãos. Veja o que pode fazer, está bem?"

Nunca tinha ouvido uma súplica assim. Minha enfermeira Janine, ainda estava na sala e parecia paralisada. Eu sabia que ela estava profundamente comovida. Fiz um sinal com a cabeça e ela pareceu acordar de um transe. Entregou-me a ficha de Roger e saiu lentamente da sala.

Segurei com força o joelho esquelético de Roger. "É claro, meu chapa", disse com todo o entusiasmo que consegui. Você e eu demos uma surra no Vietnã. E se conseguimos isso, acho que podemos fazer o mesmo com essa coisa chamada AIDS. Concorda?"

Vi que Roger se cansava rapidamente. Ele concordou, sem muita e-

nergia. "Claro, Bob. Claro."

E com isso iniciei uma etapa em minha vida que viria me absorver totalmente - noite e dia - durante meses.

Capítulo 8

Quando cheguei ao consultório no dia seguinte, Roger estava esperando. "Não consegui dormir a noite inteira", foi dizendo. "Suas idéias me deixaram tão animado que tive que vir falar com você." Estava com a aparência de quem passou a noite em claro.

"Que horas é a primeira consulta?", perguntei a Janine.

"Uma e meia", respondeu ela. "O senhor tem meia hora."

"Ótimo", disse. "Roger e eu estaremos na minha sala."

Fechei a porta e conduzi Roger a uma cadeira. Sentei-me perto dele. "Não temos muito tempo agora. Vamos direto ao que interessa. O que você queria falar?"

Roger abriu um caderno. "A sua idéia do denominador comum é a mais lógica que já ouvi até agora. Por isso fiz uma lista das características comuns a todos."

"Quantos itens têm a lista?"

"Vários. Incluí até os mais óbvios", prosseguiu. "Não coloquei em nenhuma ordem especial, mas o primeiro item da lista é: a AIDS ataca ambos os sexos, mas diferentemente. Mais homens do que mulheres. Não há motivo claro para essa diferença aparente."

Concordei. "Certo... continue."

"Minha observação seguinte", disse Roger, "é que a idade parece não ter nada a ver com a suscetibilidade à AIDS." Olhou para mim. "É claro que podemos ver que há mais adultos do que adolescentes e crianças com AIDS. E este pode ou não ser um ponto importante."

"De acordo."

"Terceira observação: a expectativa de vida após o diagnóstico parece ser a mesma para homens e mulheres, independente da idade." Leu no caderno: "35 a 40 meses. Certo?"

"Certo."

"A atividade sexual parece ser um fator predominante. Quer dizer, há uma porcentagem maior de vítimas da AIDS que são sexualmente ativas."

"Você tem razão, Roger. Continue. Ainda temos um tempinho."

"Quarta observação: sem exceção, ao menos que eu possa concluir a partir dos dados que temos, todas as pessoas diagnosticadas como

tendo AIDS foram traumatizadas de alguma maneira durante certo período - seja fisicamente, emocionalmente, sexualmente, quimicamente ou, por assim dizer, medicamente."

"Muito bom, Roger", disse. "Muito bem. Acho que estamos chegando lá..." Nesse instante, Janine bateu na porta. "Doutor Bob, seu primeiro cliente já está na Sala de Exames A."

"Obrigado. Já estou indo." Levantei-me e segurei a mão de Roger. A nova luz que brilhava em seus olhos era muito animadora. "Desculpe mas tenho que ir agora. Gostaria de ouvir as suas outras observações ainda esta tarde. Dá para você esperar?"

Roger riu, aquele velho sorriso meio torto. "Claro, Bob. Não vou a lugar nenhum mesmo. Posso esperar aqui?"

"Lógico. Aproveite e dê uma olhada nas revistas novas da AMA... ou nas outras. Dou um pulinho aqui quando puder."

A tarde foi movimentada e já eram quase cinco horas quando fui novamente conversar com Roger. Eu tinha voltado à sala umas duas vezes, mas ele estava dormindo no sofá e eu não quis acordá-lo. Estava ansioso para saber o que mais Roger havia concluído.

Quando terminei de atender o último paciente, Roger já estava acordado e escrevia no seu caderno.

"Desculpe a demora", disse, enquanto tirava o avental branco, sentando-me em seguida atrás da escrivaninha. "Foi um dia cheio."

Roger acabou de escrever antes de responder. "Tudo bem, Bob. Aproveitei e fiz mais anotações..."

"E deu uma cochilada também, não é?", provoquei.

"É, dormi um pouquinho, sim. E por que não? Não dormia num consultório desde os tempos de residência médica. Até que foi bom..."

Olhei as horas. "Olhe, Roger, tive uma idéia. Vou ligar para Mary. Se não houver nada planejado, você podia ir até lá em casa comigo..."

"Não, não, Bob", disse ele. "Não é justo com a sua mulher."

"Que bobagem. Ela quer conhecer você. Já tinha até falado em convidá-lo. Essa é uma boa oportunidade."

"Mas... ela não vai ficar com medo? Da AIDS... e as crianças?"

"Mary não tem medo de AIDS, Roger. Ela tem acompanhado as pesquisas comigo. E as crianças... bom, acho que vai ser bom para você conversar com crianças de novo." Peguei o telefone.

"Oi, querida, Roger está aqui no consultório comigo. Será que..."

Sabia que podia contar com Mary. Ela imediatamente convidou Roger. Quando transmiti o convite, Roger ficou visivelmente emocionado. "Faz um tempão que não vou na casa de alguém", disse. Fiquei envergonhado por não tê-lo convidado antes.

Uma hora depois, Mary servia um de seus gostosos jantares. Julie e Bobby estavam falantes e animados como sempre e Roger logo ficou à vontade. No meio do jantar, Julie nos surpreendeu a todos.

"Doutor Cochran, o senhor está com AIDS?"

Mary ficou branca. "Julie, isso é coisa que se pergunte?"

Eu não sabia qual seria a reação de Roger, mas nem devia ter-me preocupado. "Roger", fui dizendo logo, "desculpe..."

Roger sorriu, aquele sorriso meio torto. "Bob, tudo bem." Ele sorriu para nossa filhinha de 10 anos. "Sim, mocinha, estou com AIDS. O que é que você sabe sobre a AIDS?"

Julie olhou para Mary, depois para mim, antes de responder. "Pode falar, filha", disse.

"Bom, a mamãe e o papai não me disseram nada. Mas eu ouvi eles conversando sobre o senhor outro dia. E a minha mãe disse que gostaria de convidá-lo para jantar. Aí..."

Roger deu uma risada. Era bom vê-lo rindo. Não escutei ele rir nenhuma vez desde que entrou no meu consultório pela primeira vez. "Então você só juntou as coisas, não é?"

"É, acho que sim", concordou Julie.

"De qualquer modo, Julie", continuou Roger, "diga o que você sabe sobre essa doença, a AIDS."

Fiquei muito surpreso com o que minha filha disse. Julie é muito esperta e faz parte de um programa para crianças mais adiantadas. Uma professora havia falado sobre a AIDS. Com muita naturalidade, Julie falou: "A professora contou que muita gente está com AIDS. Depois ela explicou o que quer dizer AIDS, cada letra..."

"E o que quer dizer?", perguntei.

"Quer dizer: Síndrome de Imunodeficiência Adquirida", disse Julie imediatamente. "Quer dizer que o sistema imunológico da pessoa com AIDS não está funcionando direito. Acho que é porque coisas ruins fizeram o sistema imunológico parar de funcionar."

Roger e eu olhamos um para o outro. "Que coisas ruins seriam essas?", perguntei.

Julie balançou a cabeça. "Não sei. Mas ouvi os professores falando

que tem gente que faz coisas ruins com sexo. Não entendi direito o que eles queriam dizer." Encolheu os ombros, "Vai ver que as pessoas com AIDS abusam de remédios... usam remédios demais. Ou quem sabe usam remédios de um jeito errado. Não sei..."

Julie olhou para Roger com seus inocentes olhos azuis. "Doutor Cochran, o senhor toma muitos remédios? Vai ver que foi por isso que o seu sistema imunológico parou de funcionar. O que o senhor acha?"

Fiquei pasmo com a pergunta de Julie sobre o "abuso de medicamentos". De repente, percebi que estava até prendendo a respiração. Respirei devagar.

Roger parou de comer, com o garfo a meio caminho entre o prato e a boca. "Pode ser, Julie", disse. "Pode ser. Seja como for, obrigado por nos contar o que sabe sobre a AIDS."

Baixinho, tão baixinho que só Mary e eu ouvimos, Roger acrescentou, "Da boca de um inocente..."

Mary olhava de um para outro. "O que está acontecendo? Acho que não estou entendendo. O que é?"

"Meu bem, não é que você não esteja entendendo. Não é isso. Mas talvez a nossa filha tenha nos mostrado mais uma peça que faltava no quebra-cabeça da AIDS." Empurrei minha cadeira e fui até ela, que olhava sem compreender muito bem.

"O que é que eu fiz, papai?"

Abracei-a. "Julie, acho que você ajudou seu pai a encontrar um meio de ajudar pessoas que têm essa doença terrível. Obrigado. Muito obrigado. Não é mesmo, Roger?"

Roger estava em silêncio. Chorava sem disfarçar.

Mais tarde, no escritório de casa, peguei o bloquinho amarelo. "Roger, vamos analisar essa questão. Vamos analisar o seu caso. A explicação de Julie caberia no seu caso?"

Ele concordou. "Perfeitamente. Para começar, no Vietnã eu usava drogas pesadas. Isso é abuso. Depois, de volta aos Estados Unidos, continuei consumindo "drogas"...

"Medicamentos receitados?"

"São drogas pesadas do mesmo jeito."

"Você tem tomado "drogas" - legalmente, mas drogas da mesma maneira - desde aquela época até agora?"

"Sinto muito, Bob, mas a resposta é sim."

"Mais tarde você foi hospitalizado, com sintomas semelhantes aos que têm agora. Correto?"

Roger concordou. "Pensaram que era pneumonia..."

"Mais medicamentos..."

"É, mais "drogas"."

Eu falava rápido a essa altura. As coisas começaram a se encaixar. "Depois veio o tumor no abdômen... radioterapia... quimioterapia?"

"Sim, sim, sim para tudo isso."

"Depois veio a pressão alta. E mais medicamentos. Alguns você continua tomando até hoje, não é?"

Roger concordou, desconsolado. "É como Julie disse. A pessoa faz coisas ruins com seu corpo e o sistema imunológico pára de funcionar. É essa a sua conclusão?"

Pensei por um minuto. "Roger, quero que isso fique muito claro. Essas idéias têm estado na minha cabeça há vários dias, mas tudo embarralhado. Hoje as peças estão começando a se ajustar... estão começando a se encaixar..."

Fiz uma pausa, para organizar as palavras mentalmente.

"Estou ouvindo", disse Roger. "Fala?"

"Roger, sempre nos disseram - e nós acreditamos - que a AIDS ataca suas vítimas, certo?"

"Certo. Eu também entendi assim. É como se eu estivesse no lugar errado, na hora errada e este espírito do mal ou demônio tivesse me atacado."

"Isso. Você pode ter tido relações sexuais com um parceiro errado... ou você usou agulha contaminada... ou recebeu transfusão contaminada... ou você é um bebê no útero de uma mãe viciada em drogas e o líquido amniótico ficou contaminado..."

"É isso aí!" Roger falou, quase gritando. "Ou você teve câncer ou fez um transplante e foi tratado com medicamentos imunossupressores..."

Fiz outra pausa. Meu coração batia forte. "Roger, qual é o denominador comum em tudo isso? Antes de responder - não é um vírus, certo?"

Ele concordava. "Não, Bob, não foi um vírus que me arrasou. Foram drogas e medicamentos. Medicamentos e mais medicamentos."

"Ou excessos muito grandes. Como a promiscuidade homossexual..."

Ao dizer isso, me veio uma luz. "Roger, estou entendendo, agora estou entendendo!" Eu andava de um lado para o outro, como um tigre enjaulado, sem perceber que Mary entrara no escritório e nos ouvia em silêncio.

"Escute isso: a AIDS não é uma doença epidêmica. A AIDS é, isto sim, uma epidemia de estilos de vida nocivos! Em outras palavras: não é a AIDS que destrói o sistema imunológico. É o sistema imunológico enfraquecido que se torna presa fácil de um conjunto de sintomas que chamamos de AIDS! Roger, a AIDS não faz com que o sistema imunológico pare de funcionar. A AIDS é o resultado de um sistema imunológico que já não funcionava!"

De repente Roger e Mary começaram a aplaudir.

Mary correu e me abraçou. "Bob, tenho tanto orgulho de você. Pela primeira vez estou compreendendo o que é a AIDS. Acho que você está certíssimo. Fico tão orgulhosa. Amo você, Bob!"

Abracei-a também, tão contente que até rodopiamos. "Mary... Roger, não precisamos ter medo de um vírus que não podemos ver. Nunca. Mas temos que tomar cuidado para não ultrapassar os limites do nosso organismo maravilhoso..."

Roger disse, "Essa é uma boa definição, Bob. A AIDS é um exemplo do que acontece quando abusamos do nosso corpo, passando dos limites - isto é AIDS!"

Capítulo 12

No total, eu já dedicava mais de 20 anos de minha vida ao exercício da medicina. E tinha orgulho de ser médico. No entanto, começava a achar difícil conciliar algumas das notícias conflitantes que apareciam nos meios de comunicação com relação à eficácia do tratamento médico.

De um lado, lia comunicados entusiasmados do Instituto Nacional do Câncer falando dos progressos feitos na luta contra o câncer, como a carta ao editor de *Los Angeles Times*, de 21 de março de 1987. Num dos trechos, o médico do Instituto escreveu: "A eficiência dos tratamentos existentes contra o câncer é uma realidade e muitos progressos foram feitos com base em pesquisas e elementares."

Por outro lado, um artigo importante e bem documentado, publicado no *New England of Medicine* a 8 de maio de 1986, informava que entre os anos de 1950 e 1982 "nos Estados Unidos, houve um aumento no número de mortes por câncer... *estamos perdendo a guerra contra o câncer*".

Sobre o mesmo tema e mesmo período, Bob DeBragga, diretor do Projeto CURE, afirmou em seu boletim informativo que "A nação está perdendo a guerra contra o câncer porque as diversas medidas de prevenção e tratamento do câncer, que usam a alimentação e outras formas não tóxicas são completamente ignorados pelo mundo médico ortodoxo."

Prevenção alimentar e outras formas de prevenção não tóxicas... arquivarei a afirmação na memória para análise posterior.

Se opiniões e afirmações tão divergentes sobre o câncer eram emitidas e discutidas pelos especialistas, como poderíamos esperar algo diferente, mais confiável e mais preciso com relação à AIDS? A resposta óbvia: não era possível.

Quanto mais eu lia e analisava a literatura médica sobre o assunto, mais evidente ficava a diferença entre as notícias divulgadas sobre o câncer e sobre a AIDS: por algum motivo, ainda obscuro para mim, no caso do câncer parecia ser importante não contar toda a verdade que, devido aos seus índices de mortalidade crescentes, era extremamente negativa. Não dava para ignorar que aproximadamente meio milhão de mortes por ano nos EUA eram por câncer e esse número aumentava sempre! Números de uma epidemia, mas sempre contados por baixo.

Em comparação, os casos de AIDS eram quase insignificantes - menos de 40.000 vítimas desde 1980, com apenas metade delas fatais. Comparando com o câncer e com as doenças cardíacas, esse índice não podia ser considerado epidêmico.

Observei que, no caso do câncer, as estatísticas eram *diminuídas*. Já no caso da AIDS, as estatísticas eram *ampliadas*! Eu me perguntava o porque dessa diferença. Era óbvio que praticamente todo jornal e noticiário de TV estavam bombardeando - diariamente, de hora em hora - uma população cada vez mais apavorada com notícias sobre a AIDS.

Por que? Eu continuava me perguntando.

Resolvi descobrir. O que descobri é algo muito inquietante.

Comecei a somar os números e fui ficando muito assustado. Literalmente, bilhões de dólares são destinados *todos os anos* a pretensas pesquisas para uma vacina contra a AIDS. Digo *pretensas* porque, conforme confrontava e analisava as notícias, ia ficando indignado com o que cada vez mais acreditava ser uma busca infrutífera, uma "caça às bruxas" de uma "cura" que não existe.

Meu ceticismo era cada vez maior e aumentou ainda mais quando li a seguinte declaração no *Health Freedom News* (maio de 1986): "Só nos últimos 10 anos, em que a Associação Americana do Câncer arrecadou mais de *um milhão de dólares* do público norte-americano e a indústria do câncer arrecadou mais de *10 bilhões de dólares* por ano, as mortes por câncer *aumentaram em 12%*!"

Descobri também, através de um colega médico, Sidney M. Wolfe, em seu excelente livro *Pills That Don't Work* (Comprimidos que não funcionam), que há 610 medicamentos usados pelo sistema médico que, *nunca foram testados e mostraram-se totalmente inúteis*. Sei agora que bilhões desses medicamentos inúteis e ineficazes continuam a ser vendidos pelo sistema médico - do qual faço parte - a pacientes que buscam milagres que não acontecem jamais.

É claro que essas declarações referiam-se ao câncer. Mas estamos obviamente vivendo o mesmo fenômeno com a AIDS. Eu perguntava a mim mesmo, "Será que tudo isso não é bastante leviano?" E lembrei-me do sábio comentário da minha mulher, "Quem sabe estão procurando a cura nos lugares errados."

Concordei ainda mais com o palpite quando li um artigo no *New York Times*, de 18 de março de 1987, que dizia o seguinte: "Apesar do volume e da velocidade das pesquisas, uma vacina comprovada parece improvável nos próximos cinco ou dez anos, *talvez só no próximo século*... Os cientistas nem sequer têm certeza se é realmente possível desenvolver uma vacina contra o vírus da AIDS."

Eu disse a Mary - não podia dizer aos meus colegas - "Minha fé na profissão que escolhi está abalada." Fiquei perturbado e inquieto. Onde procurar a verdade? Falar com o Dr. Mendelsohn? Com o Dr. John Tilden?

Talvez o livro de Tilden fosse mais verdadeiro do que eu havia imaginado.

A voz de Roger no telefone era animada. "Bob! Bob, já soube de Harvey Diamond?"

Roger me pegou desprevenido. "Harvey Diamond? Eu conheço? O nome me parece familiar..."

"Você deve conhecer o nome, Bob. Ele e a mulher escreveram o livro *Fit for Life* (Preparado para a vida). É um best-seller."

"Ah, é. Ouvi falar desse livro. Alguns pacientes já me perguntaram sobre ele. Por quê?"

"Acabei de ver o Harvey e a mulher na televisão. Parecem ótimos, Bob. Muito bons mesmo. Vou comprar o livro correndo."

"Tá bem, Roger... mas não vá fazer nada drástico, certo? Estamos indo bem..."

"Pode deixar, Bob, prometo que não. Pode confiar. Depois te conto como foi. Tchau."

Nem liguei muito quando desliguei o telefone. Isso é fogo de palha, pensei com meus botões, e esqueci do assunto. Estava agora lembrando do tal livro. Conversamos uma vez sobre ele no hospital. Ou melhor, outros falaram, eu só escutei.

"Esse livro é perigoso!", disse Dan Halley. Dan é um dos melhores médicos de lá e sempre levo em conta suas opiniões. "Acho que Harvey Diamond devia ser processado por exercer a medicina sem autorização!"

Tom Holmes concordou, mas foi mais longe que Halley. O Dr. Tom, sempre mal humorado, é o presidente da Associação Médica Americana local e é um fanático defensor. "Esse homem devia ser preso!", resmungou ele. "Ele vai fazer com que as pessoas tentem se tratar sozinhas e elas vão ficar mais doentes do que antes. Podem até morrer."

"Afinal, o que esse tal Diamond fala?", perguntei aos dois médicos.

"Fala que o principal alimento para uma pessoa são as frutas", disse Dan, tomando uma xícara de café forte e escuro no bar do hospital. "Fala que os norte-americanos comem proteínas demais e que comer demais provoca todo tipo de doença..."

"Como o quê, por exemplo?", perguntei.

"Tudo. Problemas cardíacos, pressão alta, câncer, artrite, gota...", disse Holmes.

"Até osteoporose", acrescentou Dan.

"Que besteira", disse o Dr. Tom.

"O tal do Diamond fala como se fosse uma autoridade em doenças internas", disse Dan.

"Ele é formado onde?", perguntei.

"Uma faculdade no Texas, acho que é a Faculdade de Ciências da Saúde. Ou coisa parecida", falou Dan. "Nunca ouvi falar."

O Dr. Tom resmungou que algo que não entendi e chamou o garçom. Era o tipo de conversa que não leva a nada.

Levantei. "Bem, eu não li o livro", disse, "por isso não posso falar nada." Despedi-me deles. "Mas a julgar pelo que vocês dois estão dizendo, acho que nem vou ler. Tchau." Eles ainda falavam mal de Diamond quando saí.

Depois que Roger desligou o telefone, ainda pensei em ligar de volta e avisar sobre o tal livro. Mas desisti. "Ele já está bem grandinho", pensei, "vai logo ver a fragilidade das idéias do autor." E não pensei mais no assunto.

Nos meses de inverno, como não podia deixar de ser, eu atendia pacientes com resfriado, gripe e dor de garganta e cada tarde a sala de espera ficava lotada de crianças com o nariz escorrendo e pais tossindo. Tratava deles como sempre havia feito: uma injeção uma receita de comprimidos e a recomendação de ir para casa e para a cama. Por incrível que pareça - apesar da minha preocupação cada vez maior com os riscos oferecidos pelos medicamentos e com o estado da nossa população, sempre "drogada" - a incoerência desse procedimento nem passava pela minha cabeça.

Embora o Dr. David tivesse uma clientela tão grande quanto a minha, nós sempre arranjávamos tempo para uma reunião semanal. "Acho que apliquei umas cem injeções contra gripe essa semana", disse ele enquanto esperávamos o almoço.

"Eu também", disse-lhe. "Acho que o povo norte-americano toma mais medicamentos do que deveria."

David olhou para mim sem entender. "Como assim?"

"É um povo que toma medicamentos para tudo - pra resfriado, para dor de cabeça, para depressão, para..." Dei uma mordida no sanduíche. "O que a gente fazia antes de ter todos esses medicamentos?"

"Ué, agora você ficou contra os medicamentos?", perguntou David.

"É, eu acho que sim. Medicamentos demais matam uma pessoa..."

"Mas você dá medicamentos, Bob. Você aplica injeções. Dá receitas. Nós dois damos. Isso está errado?"

Comecei a dar uma mordida no sanduíche, mas coloquei-o de lado. "Acho que está errado, sim. Fazemos todo mundo ter "drogas" dentro de casa. Dentro das bolsas das mulheres... nas pastas dos executivos, nos armários das crianças. Têm anúncios de medicamentos em todos os programas de televisão. Não é de se surpreender que os jovens gostem de drogas. Apenas seguem o comportamento dos mais velhos."

"Nunca ouvi você falar desse jeito, Bob. Se você tem tanto horror a medicamentos, por que os receita? E dá para os outros?"

Só aí é que a incoerência dos meus atos ficou clara para mim. "Boa pergunta, David", disse devagar. "A verdade é - não sei."

Saí do restaurante com um nó no estômago. Pessoas usavam "drogas" porque eu dava para elas! Mulheres tomavam tranquilizantes porque eu receitava. Homens e mulheres obesos tomavam diuréticos porque eu aconselhava. Mocinhas tomavam anticoncepcionais porque me pediam - e, ao receitá-los, eu implicitamente concordava que isso estava certo.

"Deus do céu", disse para Janine nesta tarde. "Nós médicos temos uma participação tão grande no problema do abuso de drogas quanto os passadores de esquina..."

"Não, Doutor Bob", ela procurava me consolar, "não têm não. Os médicos só receitam drogas legais. Os traficantes vendem drogas ilegais..."

Balancei a cabeça. "No fim das contas, o resultado é o mesmo. Nós também vendemos drogas. E drogas - sejam elas legais ou ilegais - matam as pessoas. Matam pais. Matam crianças. Matam jovens. Não, Janine, não adiante disfarçar. De certa maneira, não passo de um traficante legalizado."

Peguei um livro na escrivaninha. "Vejam o caso em questão. Isso aqui chegou faz pouco tempo, grátis, enviado pela Associação Americana de Pediatria..." Mostrei a publicação de 140 páginas, intitulada *Management of Pediatric Practice* (A prática de Pediatria).

"É, vi quando chegou", disse Janine.

"Sei que você viu. Mas você leu a carta que veio junto?"

Ela balançou a cabeça.

"Diz o seguinte: esta publicação é patrocinada por um fundo educacional mantido pelos Laboratórios Wyeth."

Olhei para ela.

"Sabe o que eles fabricam?"

"Não sei bem."

"Fabricam leite em pó para bebês e antibióticos."

"Não estou entendendo aonde o senhor quer chegar", disse Janine.

"O seguinte: dentro desse livro há uma seção, de interesse próprio, que diz como o médico deve receber os 'representantes farmacêuticos', ou seja, os vendedores de medicamentos. Veja um trecho do que eles dizem: *Representantes trazem informações importantes para o pediatra sobre os produtos farmacêuticos...* Está vendo o que quero dizer, Janine?"

"Acho que não estou entendendo direito, por que alguns medicamentos são de fato necessários, não são, Doutor Bob?"

"Talvez sim. Talvez não", disse. "Mas o problema é - aliás, vejo dois problemas aqui. Em primeiro lugar acho errado uma organização médica profissional permitir que um fabricante de medicamentos financie suas publicações, aproveitando para impingir seus produtos."

"Em segundo lugar - e não sei o que fazer a respeito - eu acho que já está bem evidente que medicamentos não curam doenças. Medicamentos não curam nada..."

"Mas, então, se os medicamentos não curam, para que é que eles servem?"

"Às vezes, eles provocam doenças como a AIDS..."

"Doutor, o que é que o senhor está dizendo? Está falando sério mesmo?"

"Muito sério..."

À noite, depois do jantar, peguei meu já familiar livro de Tilden, fui virando as páginas e relendo várias passagens que havia assinalado.

"A ciência médica é baseada em uma premissa falsa", escreveu Tilden, "isto é - a idéia de que a doença é causada por influências externas e que os medicamentos curam... A ciência médica baseia-se na idéia de que a doença pode ser curada quando se encontra o medicamento certo..."

Sempre me ensinaram, e eu acreditava nisso, que as doenças eram "curadas" por forças externas ao paciente. E Tilden dizia que: "Aquilo que chamamos de doença é a tentativa da natureza de eliminar toxinas

do sangue. Tudo que chamamos de doença são crises de toxemia. Quando a energia nervosa se dissipa por algum motivo - excitação física ou mental, ou maus hábitos - o organismo fica debilitado. Estando debilitado, a eliminação é bloqueada, causando assim a retenção de toxinas no sangue, ou toxemia. Este acúmulo de toxinas, uma vez instalado, continuará até que a energia nervosa seja recuperada *através da eliminação das causas*."

E como fica a teoria dos micróbios?, pensei.

Como que prevendo minha dúvida, Tilden continuava mais adiante: "Os microorganismos e outras causas consideradas como tal podem ser encontrados no decorrer do desenvolvimento patológico, mas são acidentais, coincidência, no máximo auxiliares, ou *obiter dicta* (uma expressão jurídica que significa 'sem efeito sobre o caso em questão')."

"A doença é a saúde pervertida. Qualquer influência que reduza a energia nervosa pode provocar doenças. A doença não pode ser sua própria causa; nem sua própria cura."

Afinal, quem era J. H. Tilden?, perguntei-me. Quem era esse homem que falava diretamente à minha alma inquieta e em ocasião tão oportuna? A curta biografia impressa no livro informava que o Dr. John H. Tilden era filho de um médico. O Dr. Tilden filho começou a exercer a medicina em Nokomis, Illinois, e depois foi para Denver, onde trabalhou ativamente até morrer em setembro de 1940.

Desde o início, o Dr. Tilden já questionava o uso de medicamentos para curar doenças. (Prestei muita atenção nessa parte.) A grande quantidade de leituras, principalmente de estudos médicos de escola européias e suas próprias observações levaram-no a concluir que *devia existir um jeito de viver sem desenvolver doenças*. Trabalhando com base nessa filosofia, desde o início de sua atuação em Denver, o Dr. Tilden não utilizava nenhum medicamento, mas praticava a teoria de libertar o corpo das toxinas e depois deixar a natureza fazer a cura. Então ensinava seus pacientes a viverem de modo a não criar condições tóxicas e conservar um corpo saudável, livre de doenças.

Dessa maneira, o Dr. Tilden exerceu a medicina por 68 anos.

Ele *não utiliza medicamentos...* nenhuma droga. *Tilden parece que viveu de acordo com o que pensava*. Fiquei olhando para o livro, agora fechado em minhas mãos, por um longo tempo. Tomei uma decisão. Se a filosofia funcionou para o Dr. Tilden nos primeiros quarenta anos deste século, raciocinei, pode muito bem funcionar para mim nos últimos treze.

Se o Tilden foi capaz, pensei, eu também posso ser!

Foi nesse instante que me comprometi a passar o resto da minha vi-

da profissional ensinando meus pacientes como viver de modo a conservar o corpo num estado constante de saúde. Naquele momento eu não sabia como colocar isso em prática nem como começar. Mas jurei que, dali para frente, iria medicar cada vez menos e orientar cada vez mais.

Embora já fosse tarde, liguei para Roger Cochran. Ele atendeu prontamente. "Oi, Roger. Aqui é o Bob. Dá para a gente conversar um pouco?"

"Claro, doutor. Por que está ligando assim tão tarde?"

"Estive lendo... e pensando. E... acho que cheguei a conclusões que talvez possam reverter o avanço da AIDS..."

Roger riu. "Engraçado, Bob. Eu estava justamente pensando se devia ou não ligar para você..."

"Por quê? O que houve?" Percebi imediatamente que a voz de Roger estava diferente, com um tom mais animado.

"Lembra do Harvey Diamond?"

"Lembro."

"Acho que precisamos conversar sobre o livro dele."

"Por quê? Alguma coisa que eu devia saber?"

"Pode ter certeza que sim... O Diamond não fala nada específico sobre a AIDS, mas fala quase que palavra por palavra, tudo o que você me disse outro dia no restaurante..."

"Precisamente, o quê?"

"Só isso: para ter boa saúde, devemos parar de envenenar o corpo."

"Parece ótimo. Eu falei isso?"

"Pelo menos foi o que ouvi você falar. Seja como for, queria que desse uma olhada neste livro para me orientar. Porque estou começando a acreditar que *podemos* reverter os danos que a AIDS - que eu - causei ao meu próprio corpo. Está ouvindo Bob? Estou realmente assumindo a responsabilidade pela minha doença. E com a ajuda de Deus e a sua - não necessariamente nessa ordem - acredito, agora, que a gente possa reverter as coisas!"

"A única coisa que posso dizer, Roger, é *Amém* e boa noite. Vejo você amanhã na hora do almoço."

Desliguei devagar. A nova vibração que havia na voz de Roger ainda ecoava nos meus ouvidos.

Capítulo 14

Eu era o primeiro corredor de *cooper* na faixa central da avenida San Vicente naquela manhã. Enquanto corria meus quatro quilômetros de sempre sobre o gramado bem cuidado, ia pensando mais uma vez na melhor forma de agir. Estimulado pelo exercício vigoroso e pelas novas perspectivas no campo médico, melhorei meu tempo de corrida, tomei um banho e fui para o hospital trinta minutos mais cedo do que o normal.

Parei o carro no estacionamento do hospital e olhei as horas. Muito cedo ainda. *Ótimo*, pensei, *posso ler um pouco*. Tirei o, agora já bem conhecido, livro de Tilden da pasta e abri num trecho marcado da página 11. Para não perder nenhuma palavra, li lentamente e em voz alta:

"Jejum, repouso na cama, abandono de hábitos debilitantes - mentais e físicos - permitem que a natureza elimine as toxinas acumuladas. Então, se os hábitos debilitantes forem deixados de lado e adotarmos hábitos racionais, *a saúde vai voltar para ficar. Isto se aplica a todas as chamadas doenças*".

Repeti a última frase várias vezes.

Havia um novo vigor no meu andar quando entrei na sala de cirurgia.

Duas operações de apêndice, depois encontrei por acaso David Cohen no bar do hospital, tomando o café da manhã. Pedi um suco de laranja grande, feito na hora e torradas de pão integral.

"Como está seu paciente adético?", ele perguntou.

"Ontem estava meio desanimado", respondi. "Mas o Roger é duro na queda. Vai lutar até o fim..."

"Até o fim?", David perguntou. "Você desistiu dele?"

"Lógico que não, David. Nem pensar."

"Por falar nisso, Bob, ontem à noite, depois que você saiu... uma mulher esteve aqui e deixou um pacote para você."

"Ah é? Quem era ela?"

"Uma moça bonita. Devia ter uns vinte e poucos anos. Pediu para entregar a você. Coloquei na sua mesa."

Agradei a David e logo esqueci da história.

A sala de espera estava cheia de pacientes quando cheguei lá, por

isso praticamente nem olhei para a minha mesa até o meio da tarde. Quando tive um pequeno intervalo, fui descansar um pouco e sentei atrás da escrivaninha. A primeira coisa que vi, então, foi um envelope de papel manilha, de tamanho médio. Não havia nenhuma etiqueta. Nenhum endereço. Só o meu nome, escrito à mão. Dentro havia um pequeno livro, de capa mole, com um bilhete:

Prezado Doutor Smith,

Obrigada por sua gentileza comigo. Larry resolveu seguir este caminho. Conto para o senhor o que acontecer.

Jennifer

O livro chamava-se *Fasting Can Save Your Life* (O jejum pode salvar sua vida), de Herbert M. Shelton.

Eu estava bastante ocupado, mas mesmo assim tive a impressão que o restante da tarde demorou para passar. No caminho de volta para casa, comprei um prato de salada em uma rotisseria e preparei-me para ficar no escritório, examinando o livro.

Para minha enorme surpresa, logo descobri que meu bom amigo. Dr. John Tilden, era citado inúmeras vezes no livro de Shelton. Fiquei ao mesmo tempo satisfeito e surpreso de ver quanto os dois autores tinham em comum. "Nada que o homem conhece", dizia Shelton, "se compara ao jejum, como forma de aumentar a eliminação de impurezas do sangue e dos tecidos..."

"À medida que o jejum progride, as secreções retidas ou, mais precisamente, os resíduos retidos são eliminados do corpo e o *sistema se purifica*. As irritações se acalmam; o corpo descansa. Do ponto de vista vital, a pessoa se refaz."

Recostei-me na poltrona e fechei os olhos.

"Graças a Deus", disse, "mais uma peça do quebra-cabeças está se encaixando."

Passava da meia-noite quando apaguei a luz e fui dormir. Mas, mesmo na cama, as frases, e até parágrafos inteiros, não me saíam da cabeça. Um dos trechos que mais me chamaram a atenção estava no capítulo: "O jejum em doenças agudas".

"Jejum não é um remédio", escrevia Shelton, "*ele é uma parte essencial e integrante do processo de cura.*"

Isso mexeu comigo. E depois me emocionou.

"Quando o sistema digestivo está debilitado e a vontade de comer desaparece, como acontece nas doenças agudas, temos um recurso que faz parte, ao mesmo tempo, do processo de cura e do processo de restabelecimento, bem como enfraquecimento simultâneo do corpo inteiro, que levou o doente para cama."

A frase seguinte, acredito eu, era a chave para a recuperação de Roger...

"Para ser extremamente preciso, *o jejum é parte do processo de cura que chamamos de doença.*"

Doença: um processo de cura! Uma idéia nova, que absorveu meus pensamentos durante vários dias.

E o jejum é uma parte integrante desse processo de cura.

Com todos esses conceitos novos e interessantes na cabeça, não é de se espantar que eu não conseguisse dormir.

Na manhã seguinte, antes de ir para o hospital, liguei para Mary. "Como vão as férias? E as crianças? E você?", perguntei tudo num só fôlego.

"Nossa!", Mary riu. "Você deve estar com *muita* saudade da gente."

"Estou", disse, "com muita, muita saudade. Adoro vocês e queria que estivessem aqui comigo... ou eu aí com vocês."

"Adoramos você também, Bob. Estamos todos ótimos... temos descansado, temos lido... e estamos colocando em dia as novidades da família. Mamãe está bem. Estamos nos divertindo muito."

Ela parou ao final da frase, mas percebi que ia dizer mais alguma coisa. E disse mesmo. "Como está o Roger?"

"Sabe, meu bem, eu queria mesmo falar dele com você..."

"Ah, é? Então ele está melhorando?"

"Não, não é bem isso. Mas, sabe, acho que encontrei a última peça que faltava no quebra-cabeça..."

"Que ótimo! E qual é?"

"É muita coisa para falar assim por telefone. Mas tive uma idéia, aliás, é também um favor que queria pedir..."

"Um favor? Para mim?"

"É, Mary, um grande favor. " Hesitei um pouco, tentando lembrar as palavras que tinha planejado à noite. "Bom, é o seguinte: eu sinceramente acho que nós, você e eu trabalhando juntos, podemos salvar a vida de Roger."

"Não estou entendendo. Como é que eu posso ajudar?"

"Mary, o Roger precisa de atenção individual, pessoal... ele precisa da gente. Precisa ficar uns tempos conosco. No jardim de inverno..."

Mary ficou quieta alguns instantes. "É claro, Bob. Mas não será preciso também uma enfermeira? Vou fazer tudo que puder, mas..."

"Eu sei, Mary. Sabia que podia contar com você. Vou contratar uma enfermeira. Providencio tudo. Você se importa se eu trazer o Roger agora?"

"Agora? Mas eu devia voltar e arrumar as coisas... eu preciso..."

Interrompi. "Não, meu bem, não precisa voltar para casa. Você ainda tem uma semana com sua mãe e sua família. É que o Roger precisa vir para cá imediatamente. Hoje mesmo."

"É assim tão urgente?"

"É. Questão de vida ou morte..."

"Mas, Bob, quem vai cozinhar para ele. E..."

"Mary, é esse o ponto. Ninguém vai cozinhar para ele. Ele não vai comer. Vai fazer jejum."

Depois de desligar, ri da reação de Mary. Não podia culpá-la por ter ficado confusa com a minha nova forma de tratamento. Eu também estava meio confuso, porque nunca em minha vida ouvira falar de um paciente, ou de qualquer pessoa ter jejuado mais que algumas horas. Ou, talvez, no máximo um dia.

Fiz mais duas ligações antes de ir para o hospital. Aí, satisfeito por estar tudo organizado, me vesti depressa e saí.

Todos os pacientes vieram no horário certo, tudo correu tranquilamente e pude sair do consultório às cinco em ponto. Quinze minutos depois peguei Roger - armas e bagagens - e fomos para minha casa. Ele reclamou um pouco, "Bob, não entendo. Sua casa não é um hospital. E eu..."

A empregada havia preparado tudo. A cama estava feita, as cortinas abertas deixando entrar o sol do fim de tarde. Fiquei feliz de ver como tudo estava aconchegante e *saudável*. Coloquei a mala de Roger no chão e ajudei-o a sentar perto da janela.

"E você, meu amigo, não precisa de hospital. Você precisa de um lar.

De carinho, amor. Muito ar puro. Sol. Repouso. Garanto que você vai ter tudo isso aqui."

"Ainda não estou entendendo bem, Bob. Você fez tanto mistério no telefone hoje de manhã. O que é tudo isso?"

Sentei em frente de Roger. Por alguns instantes foi difícil lembrar daquele Roger colega de faculdade, companheiro no Vietnã. Ombros caídos, magérrimo, rosto e mãos que eram pele e osso. Olhos e voz cansados. Fiz muita força para imaginar como estaria dentro de algumas semanas.

"Roger, deixe-me dizer uma coisa... li o livro do Diamond", disse. "É um trabalho incrível... sem dúvida ele está mostrando para milhões de pessoas o caminho certo - no que diz respeito à alimentação..."

Fiz uma pausa para ele compreender bem minhas palavras.

"Mas, neste momento, não é de alimentação que você está precisando..."

Roger olhou para mim. "Acho que não é mesmo, Bob. Não estou com muita fome, se é isso que você está querendo dizer..."

"Mais ou menos isso", falei.

Contei então para ele o ponto principal de minhas descobertas: a obra de Tilden. E de Shelton. Conforme eu falava, meu entusiasmo parece que ia contagiando Roger. Ele levantou a cabeça e um leve sorriso apareceu em seus lábios. Seu senso de humor irônico voltou. "Então agora você me colocou onde queria", disse ele, "e vai me matar de fome".

Dei risada. "É isso aí, Roger. Vou deixar você em forma de um jeito ou de outro. Esta parece ser a maneira mais rápida."

Rimos os dois. Por instantes parecia que estávamos de volta aos velhos tempos.

"Falando sério", falei, depois do breve intervalo, "não vou deixar você passando fome totalmente. Pelo menos no começo".

"Ah! Vou passar só um pouco de fome?"

"É. Vou dar suco de frutas para você. Várias vezes por dia. Sucos frescos, feitos na hora."

Roger relaxou visivelmente. Tirou os sapatos e colocou os pés sobre o banquinho. "Parece ótimo, Bob. Ótimo..."

"Meu chapa", falei, "não quero que você faça nada. Nada mesmo. A não ser ir ao banheiro, dormir e tomar sol. Não quero nem que você leia nos primeiros dias. Vamos dar ao seu organismo as condições de que ele precisa para se curar."

Meu amigo suspirou fundo. "Bob, tudo isso parece tão bom. Estou tão cansado... tão exausto. Cansado até para te agradecer como devia... gostaria de deitar um pouco agora. Não tem problema?"

"Claro que não. Não se preocupe em agradecer. O agradecimento que eu e Mary esperamos é que você fique bom... e você *vai* ficar bom. Prometo."

Roger reanimou-se momentaneamente. "Mas vou dar trabalho para a Mary... e..."

"Nada disso, Roger. A enfermeira vai passar o dia aqui. Ela vai fazer os sucos. Vai cuidar para que você não faça nada... vai atender se você precisar de alguma coisa. O nome dela é Ellen. Vai chegar daqui a uns quinze minutos..."

"Quando ela chegar já vou estar dormindo. Não consigo mais ficar acordado."

"Então não precisa ficar acordado, Roger. Deita aí. Vou pendurar suas roupas para você..."

Ela saiu e disse, "Roger, vou vir aqui ver você muitas vezes por dia. Mas não vou incomodar. Vou examinar você todas as noites. E só. Agora, *trate de ficar bom!* É um ordem, doutor!"

Roger concordou com a cabeça. Já estava com os olhos fechados. Seus lábios moviam-se, mas sem som. Antes que eu saísse do quarto ele já roncava suavemente.

Quando Ellen chegou, dei as instruções e mostrei o quarto dela. Depois fui para o meu escritório levando minhas duas preciosidades: Tilden e Shelton. No entanto, fui deitar antes das nove horas e, pela primeira vez em muitas semanas, dormi a noite inteira.

Capítulo 16

Depois de três dias completos de jejum, Roger não parecia nada melhor e eu me perguntava se com uma continuação do jejum não o estaria prejudicando. De manhã, antes de ir para o hospital, fui dar uma olhada nele. Roger dormia, por isso não quis incomodar. Ao meio-dia, quando vim para casa almoçar, a placa *Não Perturbe* estava do lado de fora da porta.

Ellen estava na sala, lendo. Olhou quando entrei. "Como está o nosso paciente?", perguntei.

Ela fechou o livro e balançou a cabeça. "Nada bem, doutor. Hoje, pela primeira vez, recusou os sucos."

"Ele saiu da cama?"

"Só para ir ao banheiro. Há alguns minutos disse-me que ia tentar dormir..."

"Ellen, vamos ficar muito atentos. Procure conversar com ele hoje à tarde... depois ligue para mim. Certo?"

"Certo, doutor. Vou fazer isso."

Quando entrei na nossa alegre saleta amarela, onde Mary geralmente servia o café da manhã, pude ver que ela estava nervosa com alguma coisa.

Antes de sentar, beijei-a. "Meu bem, diga qual é o problema. Algum problema com as crianças?"

"É... é o Bobby."

"Bobby? Fez alguma bobagem na escola?"

Ela fez que não.

"Não... ele está no quarto agora. A enfermeira da escola mandou ele voltar para casa. Trouxe um bilhete..."

"Um bilhete? Ele está doente?"

"Não... mas é aquele mesmo problema com as vacinas."

"Vacinas? Achei que tínhamos resolvido isso na semana passada."

Ela suspirou. "Eu também, Bob. Mas, parece que há uma enfermeira nova... ou então são novas normas... sei lá. O Bobby é o único que não tomou a vacina contra a gripe. Algumas crianças andam gozando dele. Ele está com vergonha..."

"Compreendo. Mas ele sabe por que não estamos dando a vacina, não sabe?"

"Tentei explicar. Acho que ele entendeu. Mas é difícil para um garotinho da idade dele..."

"Eu sei, Mary. Vamos almoçar e depois eu converso com ele."

"E você liga para a escola?"

"Melhor que isso. Vou lá conversar com a enfermeira."

Bobby estava deitado na cama com os olhos fechados. Quando sentei ao lado dele, abriu os olhos.

"Pai, os meninos estão me chamando de medroso porque eu não quero tomar a injeção contra gripe."

Aí ele começou a chorar.

Abracei-o. "Bobby, não se preocupe. Vou falar com a enfermeira antes de voltar para o consultório..."

"Mas eles ficam falando que eu vou morrer se não tomar vacinas. É verdade isso, pai? Vou morrer se não tomar vacinas?"

Passei a mão nos seus cabelos crespos. "Claro que não. Eles é que podem ficar doentes. E alguns ficam mesmo."

"E por que obrigam as crianças a tomar vacinas?"

"É uma boa pergunta, Bobby. Nem os tribunais sabem responder isso. Começou há muito tempo. Algumas pessoas achavam que as vacinas iriam evitar que as pessoas ficassem doentes. Talvez evitassem mesmo. Tenho lido que muitas pessoas também ficam doentes por causa das vacinas."

Quanto mais eu lia sobre vacina e imunizações, mais me convencia de que deveria evitar vacinar as crianças, ou qualquer um que pedisse. Com o Roger terrivelmente doente por causa do colapso do sistema imunológico, provocado - parecia evidente - por abuso de drogas (e eu acreditava que as vacinas faziam parte do grupo), eu não estava com disposição de ministrar ainda mais "drogas".

Minha oposição às vacinas não surgiu da noite para o dia. Nunca me pareceu sensata a idéia de que a injeção de soro contaminado na corrente sanguínea de uma pessoa pudesse promover saúde. Até mesmo na Faculdade de Medicina eu cheguei a questionar essa prática. Mas segui o procedimento aceito pela Associação Médica Americana até a semana passada, quando fui inflexível na minha recusa em vacinar Bobby.

A doença de Roger e o seu histórico médico vieram a ser catalisadores da idéia de que deve haver uma relação entre o uso de drogas (inclusive as "drogas legais") e a investida da AIDS.

Eu agora estava decidido a me informar melhor sobre esse assunto.

O conceito médio da AIDS me intrigava. *Por que, eu pensava, uma nova epidemia surgiu assim de repente?* Que abusos ou infecções maciças poderiam ter causado uma tamanha explosão de doenças que pareciam iguais? Por que a incidência maior em São Francisco? Nova Iorque? Los Angeles?

E, principalmente, por que no Haiti? À primeira vista, não fazia o menor sentido.

Eu entendia por que as primeiras vítimas da AIDS supostamente pertenciam aos primeiros três "membros" do clube dos "4-H" da AIDS: homossexuais, viciados em heroína e hemofílicos. Também entendia por que a maior concentração dessas três categorias se encontrava nas grandes cidades.

Mas eu não conseguia entender que lógica estava por trás do quarto integrante do grupo: os haitianos. Os três primeiros tinham duas coisas em comum: as drogas e as agulhas hipodérmicas - ambas possibilitando a mistura de fluidos de um organismo para o outro *através da agulha*. Todas essas três categorias também possuíam um histórico de consumo de drogas, legais ou não. E é fato comprovado que o consumo de drogas resulta em imunodepressão.

Mas, por que os haitianos?

O Haiti, eu sabia, era o país mais pobre do hemisfério ocidental, tendo atualmente uma renda média de \$300 dólares por ano. Eu me perguntava, *será que a miséria causa AIDS?* Se fosse assim, os milhões de pobres norte-americanos seriam presas fáceis da AIDS e eu sabia que isso não era verdade. E os haitianos, até onde eu sei, não são conhecidos por consumo de drogas. Ou será que são?

Ao fazer essa pergunta, descobri a resposta: sim e não.

Não, pois os haitianos não são consumidores de heroína. E sim, porque têm um histórico de consumo de medicamentos.

A miséria dos haitianos não podia, por si só, gera a AIDS. Mas não há dúvida de que a pobreza dos haitianos tem como consequência a doença: doenças endêmicas como a tuberculose, a febre tifóide, disenterias bacterianas e por protozoários, malária, desnutrição generalizada e boubá (doença infecciosa causada por uma bactéria parecida com a bactéria da sífilis).

Para combater as doenças do Haiti, soube que a grande maioria dos haitianos é *regularmente* tratada com medicamentos imunodepressores: tratamentos prolongados com penicilina contra boubas, vacinas e infecções contra tuberculose e febre tifóide. O uso regular, constante e prolongado desses medicamentos significa abuso de medicamentos, um abuso cumulativo.

Portanto, *imunodepressão*.

Exatamente o sintoma diagnosticado como AIDS hoje em dia.

O abuso de medicamentos tem como consequência a deterioração do sistema imunológico. A deterioração do sistema imunológico resulta na AIDS.

A resposta que eu buscava era, portanto, uma simples questão de somar dois mais dois.

O problema do Haiti era *abuso de medicamentos!*

Não fazia nenhuma diferença o fato de ser um abuso legalmente permitido. O resultado final era exatamente o mesmo.

Minha preocupação aumentou e minha resistência às vacinas se fortaleceu depois de ler um artigo que falava do dilema que nossos legisladores enfrentavam na execução da lei sobre danos causados por vacina infantil, de 1986.

"O Congresso não conseguiu chegar a um consenso sobre a forma de financiar o programa", dizia o artigo, "que se destina a indenizar as famílias de crianças que sofrem danos ou morrem devido a vacinas contra difteria, coqueluche, rubéola, paralisia infantil e outras doenças" (INSIGHT, 30 de março de 1987).

De repente, todo o panorama da AIDS parecia mais nítido. Os norte-americanos vacinam seus bebês (de apenas dias ou semanas de vida) com "soros" causadores de doenças, fabricados a partir de repugnantes pústulas e urina animal. Vacinam os bebês não uma vez só, mas duas ou até mais vezes.

Depois vêm as radiografias imunodepressoras, feitas por médicos e dentistas; os inúmeros medicamentos dados pelos pais, adquiridos nas farmácias sem receita médica; a alimentação, em geral deficiente; mais injeções (para os mais diversos problemas, reais ou imaginários) durante toda a infância. A primeira dose da vacina tríplice é apenas o início, para nossas crianças, da depressão de seus sistemas imunológicos, induzida por medicamentos.

Após o começo, é só uma questão de tempo para que os heróicos esforços de um sistema imunológico constantemente abusado falhem (resultado: doenças crônicas) e que ele pare de funcionar (resultado:

numerosas doenças degenerativas terminais como o câncer, as doenças cardíacas, a artrite, a osteoporose e a AIDS).

Será que o seu avanço podia ser detido? Eu esperava que sim.

Para as 40.000 vítimas da AIDS nos Estados Unidos, inclusive meu amigo Roger Cochran, era chegada a hora.

Capítulo 17

Mary me sacudia, "Acorde, Bob. Acorde!", dizia baixinho.

"O que foi?"

"Acorde. Estão batendo na porta."

"Na nossa porta?" Sentei na cama e escutei as batidas suaves. "Quem é?", perguntei.

"Sou eu. Ellen. Venha depressa."

"Por quê? O que houve?"

"É o Roger". Não se podia ouvir sua voz muito bem através da porta. "Acho que alguma coisa está errada... Por favor, venha logo."

O relógio digital marcava onze e meia. Tínhamos ido deitar há menos de uma hora.

"Já estou indo". Vesti o roupão.

O rosto de Ellen estava tenso à luz fraca do corredor. "Diga o que aconteceu", falei, enquanto íamos pelo corredor.

"Eu estava dormindo no quarto ao lado. Acordei com os gemidos de Roger." Ela se enrolou melhor no roupão, tremendo. "Parece que estava sentindo dores horríveis..."

"Você entrou no quarto dele?"

"Entrei... ele estava deitado de lado, apertando o estômago com as duas mãos. E... e gemia."

Chegando ao andar de baixo, pude ouvir os gemidos de Roger. Dava para ver a luz por baixo da porta. Entrei sem bater. Roger estava sentado na cama, balançando para frente e para trás, segurando a cabeça com as duas mãos. Estava com os olhos fechados. Nem percebeu que tínhamos entrado. Enquanto se balançava, gemia - gemidos terríveis que pareciam vir do fundo do seu ser.

Segurei seu ombro. "Roger, Roger!"

Ele abriu os olhos e vi que estavam fundos e cheios de dor. Olhou para mim, mas não tive certeza se me reconheceu.

"Roger..."

"Ah, Bob", gemeu ele. "Isto está terrível. Minha cabeça. Meu estômago. Minhas pernas. As costas. Tudo está doendo. Ah, meu Deus, como dói!"

Ele estava tão desesperado que teria dado qualquer coisa para ajudá-lo.

Roger deve ter lido meus pensamentos. "Acho que não dá para aguentar mais..." Gemeu e apertou as costas. "Será que você pode me dar alguma coisa para isso, Bob... codeína? Qualquer coisa. Pelo amor de Deus."

Por um longo instante, hesitei. Valia a pena? Todo esse mal-estar estaria trazendo algum benefício para Roger? O mínimo que fosse? Talvez eu pudesse, ou até devesse, dar a ele alguma coisa para aliviar a dor. Ou interná-lo no hospital...

Aí lembrei como ele estava quando veio me procurar. A medicina ortodoxa havia feito tudo o que podia por Roger, e o resultado tinha sido igual a nada. Desistiram dele, condenando-o à morte prematura. Até o próprio Roger quase tinha desistido.

Roger e a medicina ortodoxa haviam percorrido o caminho dos medicamentos e não tinha dado certo. Não tinha dado certo porque as drogas e os medicamentos eram exatamente a causa do problema. Naquele exato momento, percebi com clareza que os hospitais... a medicina ortodoxa... os medicamentos... *não eram* a solução para Roger.

Não podiam devolver a vida e a saúde ao meu amigo.

Por quase uma semana Roger já estava limpo de medicamentos de qualquer tipo. Não chegou perto nem de um comprimido de aspirina. Não tinha tomado nada a não ser suco fresco de fruta e água pura. Nada mais havia entrado em seu corpo...

Ele não tinha apresentado progresso aparente durante essa semana. Mas não tinha piorado.

Significava que, embora Roger não mostrasse sinais evidentes de melhora, o simples fato de não ter piorado já era uma melhora!

De repente, tive a certeza: se eu fraquejasse agora, desistisse, levasse Roger de volta para o hospital e para as técnicas da medicina ortodoxa, seria o começo do fim. E nunca mais chegaríamos aonde estávamos. Tudo isso me veio à mente em uma fração de segundo, enquanto Roger suplicava por um alívio.

Balancei a cabeça: "Não, Roger. Não. Nada de medicamentos."

"Pelo amor de Deus", implorou ele. "Não estou aguentando mais..."

Meu instante de fraqueza já tinha passado. Segurei Roger pelo braço e coloquei-o sentado. Virei para trás e disse a Ellen, "Encha a banheira com água quente. Vamos levar o Roger para tomar um banho de imersão. Vai fazer bem."

Ellen saiu sem dizer uma palavra. Logo ouvi o barulho do água. Roger estava tão fraco que tivemos que carregá-lo e ajudá-lo a entrar na banheira. Quando conseguimos colocá-lo na banheira, estávamos os três suando bastante. Ellen e eu por causa da força que fizemos. Roger por causa do esforço e da dor.

Quando Roger sentiu a água quente em volta dele, gemeu. Se foi de dor ou de alívio, não sei. Em seguida, ele afundou mais na banheira e fechou os olhos. Ellen e eu estávamos arfando. Ela sentou-se ao lado da banheira e eu encostei-me na parede. Ficamos olhando para Roger, calados.

Depois de algum tempo, ele relaxou um pouco e esticou-se todo. Um leve sorriso apareceu em seus lábios. "Desculpe, meu velho..."

"Tudo bem. Como se sente agora?"

"Um pouco melhor, eu acho..."

"Não fale. Descanse apenas."

Virei-me para Ellen, "Pode deixar que fico com ele agora. Muito obrigado pela ajuda. Volte para a cama e procure dormir."

Ela concordou, agradecida. "Qualquer coisa, é só chamar."

Roger fechou os olhos e relaxou visivelmente. Por algum tempo os únicos sons que se ouviam eram a respiração muito difícil de Roger e o barulho da água enchendo a banheira.

Finalmente, Roger se mexeu, abriu os olhos e olhou para mim. "Nossa!... acho que dormi". Esticou os braços e dobrou os joelhos.

"Está se sentindo melhor?"

O sorriso agora era menos tenso. "Acho que sim. Sim, estou *bem* melhor." Sentou-se, mexeu os ombros e as costas. "É... bem melhor mesmo."

Olhou para mim. "Bob, nunca me senti assim antes. Parecia que todos os meus músculos tinham dado um nó - no corpo inteiro - e eu não conseguia soltá-los. Foi terrivelmente doloroso."

"Você está dizendo que nunca sentiu isso antes?"

Ele balançou a cabeça. "É. Nunca. Algumas vezes tive câimbras, mas nunca desse jeito". Cutucou as costas e o lado do corpo com os dedos. "Estou bem melhor agora. Os nós se desmancharam." Respirou fundo. "Acho que agora posso deitar, quem sabe até dormir."

Apertei seu ombro molhado. "Ótimo, Roger. Vou ajudar você."

Mary chegou-se para perto de mim quando fui deitar novamente, mas não disse nada. Minha cabeça era um turbilhão. *Não dei nenhum*

medicamento para ele, pensei, não dei nada. E ele saiu da crise! Quando finalmente consegui dormir, sonhei que Roger e que estávamos um de costas para o outro, lutando contra um bando de marinheiros bêbados num bar de Saigon.

Roger continuou jejuando por mais duas semanas, mas a partir dessa noite passou a apresentar nítidos sinais de melhora. Os sinais eram sutis, mas claros.

David Cohen balançou a cabeça quando contei para ele. "Não fique otimista demais, Bob. Talvez seja só uma melhora temporária. Acontece, você sabe."

"Conheço as remissões, David. Você está certo, é possível que a melhora de Roger seja apenas temporária. Mas não é essa a minha impressão."

"Desculpe o meu pessimismo", continuou David, "mas já vi isso acontecer em casos de câncer. E a AIDS é como o câncer em muitos aspectos. É traiçoeira. Quando ocorre uma remissão temporária ou apenas aparente, o paciente de repente se sente bem durante um ou dois dias. Ou uma semana. Talvez até um mês. Aí, subitamente, piora de vez. E pronto. É o fim."

"Concordo. Também já vi melhoras assim. Mas acho que não é o caso. Dessa vez é diferente..."

"Diferente?", David franziu a testa. "Como assim?"

"Parece que a pele de Roger está com um novo frescor. Não tem mais aquela cor pálida, sem viço. Os olhos estão brilhantes..."

"Ele engordou?"

"Não. Ainda está emagrecendo. Está com menos de 65 quilos."

Eu já esperava a reação de David. "Bob, pense bem. Se o paciente *parece* estar se sentindo melhor e *parece* melhor na aparência... isso tudo são coisas subjetivas. Não são válidas. Você é médico, sabe disso."

"Você tem razão, David. Mas não é só isso."

"E o que mais?"

"Esqueci de falar dos exames - objetivos."

"Ah, é? Quais?"

"Em primeiro lugar, a contagem de glóbulos brancos subiu. Além disso, a taxa T4/T8 está melhorando..."

"O que você está dizendo?" O tom de voz de David era de total incredulidade. "Tem certeza? Nunca vi uma coisa dessas antes, pelo menos não em pacientes com AIDS."

Confirmei. "Eu também não. Mas verifiquei várias vezes. Tenho certeza absoluta. Não há mais dúvidas, a contagem de glóbulos brancos subiu mais ou menos 5%. E o número total de linfócitos aumentou de forma significativa..."

Ambos sabíamos que a taxa de T4/T8 de linfócitos do organismo é muitas vezes considerada o barômetro do sistema imunológico. Que sem células T4 para estimular o sistema imunológico ao combate, ou as células T8 em número suficiente para informar ao sistema imunológico o momento de suspender a luta, todo o sistema estaria imprestável.

David assobiou. "Bob, esse *sim* é um bom sinal. Um ótimo sinal."

"É, eu sei. Significa que o sistema imunológico de Roger não está mais morto ou inativo. Está começando a funcionar de novo!" Eu andava eufórico com essa descoberta, mas em silêncio. Não havia contado esse segredo para ninguém até esse momento. Em toda a literatura médica que eu havia lido não havia uma só menção a qualquer medicamento experimental que conseguisse a disfunção do sistema imunológico de um paciente.

"Você já contou para o Roger?"

"Não. Você é a primeira pessoa a saber..."

Eu deveria ter pedido a David para guardar segredo. Mas não foi isso que ele fez.

Capítulo 19

"Escrevo este livro com a única intenção de trazer uma boa notícia... para milhões de pessoas que sofrem de artrite, libertando-as da desesperança e do desespero", escrevia Airola.

Concentrei-me ao máximo.

"A boa nova para elas", dizia Airola, "é que não devem se desesperar. A medicina biológica tem uma resposta para seus problemas."

Airola definia a medicina biológica como um sistema natural para tratar *todo tipo* de doença. *A AIDS também?*, pensei.

"Como o praticante comum da medicina ortodoxa não possui um conhecimento claro sobre os princípios básicos causadores da artrite", fui lendo, "o tratamento e os medicamentos que receita são compreensivelmente sintomáticos - ou seja, *ele não trata da doença, mas dos sintomas isolados da doença.*"

Para minha mente aberta, praticamente tudo que Airola dizia se aplicava também à AIDS e a qualquer doença degenerativa tanto quanto à artrite.

"... a artrite é uma doença sistêmica que *afeta o corpo inteiro.* (*A AIDS também!*, pensei.) Por isso, as únicas providências que podem dar certo no combate da doença, no seu controle e na obtenção de uma cura duradoura são aquelas dirigidas à correção das causas básicas..."

Isso vale para a AIDS também!, concordei.

"Isso só pode ser conseguido através de tratamentos que ajudem a superar as alterações sistêmicas, a normalizar os processos metabólicos e a *recuperar todas as funções normais* dos órgãos e glândulas vitais..."

Percebi então que estava quase caindo da cadeira, apertando o livro com as duas mãos. Tive vontade de gritar "Eureca! Descobri!" para o mundo todo.

"Embora medicamentos e injeções possam aliviar a dor e alterar os sintomas", fui lendo, "*eles não chegam ao fundo do problema*, não eliminam as causas básicas nem corrigem as perturbações sistêmicas. E o que é pior, os medicamentos convencionais, supressores por natureza e possuindo efeitos colaterais tóxicos indesejáveis, interferem nos processos orgânicos normais e inibem os esforços restauradores e curativos do corpo. *No fim eles mais fazem mal do que bem* e levam à invalidez completa..."

Coloquei o livro de lado e comecei a andar de um lado para o outro,

como um leão enjaulado. "Puxa vida!", falei alto, "por que não li isso antes?"

O relógio do escritório marcava onze horas, mas nem liguei. Sabia que Mary estava me esperando. Mas eu não podia ir dormir ainda. Tinha tanta coisa para ler, para aprender, para explicar.

Peguei o livro novamente.

"É preciso frisar que medicamentos não têm poderes de cura. A cura é sempre realizada pelo próprio corpo e o máximo que um médico sensato pode fazer é ajudar as forças curativas do corpo."

E como, eu me perguntava, esse médico sensato pode ajudar o organismo do paciente a usar as próprias forças curativas?

Nesse momento de descobertas, tive certeza, tanto quanto tenho do meu próprio nome, que a filosofia de cura que Airola adotava não servia só para o caso da artrite. Airola falava de princípios fundamentais que são válidos para as doenças de um modo geral. Todos os tipos de doenças.

E embora Airola não falasse da AIDS, eu sabia que ele se referia à AIDS tanto quanto à artrite: na causa e na cura.

Ele falava de "doenças sistêmicas", que afetavam o corpo todo. *A AIDS, sem dúvida, afeta o corpo todo.*

Airola falava do "problema básico" das doenças. Além disso, falava em ter *descoberto* a causa original da artrite e, depois de encontrá-la, ter podido realizar a cura, a volta à saúde.

Da mesma maneira, eu acreditava ter descoberto a causa básica da AIDS: um estilo de vida cheio de abusos. Um estilo de vida que incluía excessos químicos, excessos físicos, excessos sexuais, excessos emocionais (medo, raiva, ódio, intolerância, etc.) e/ou uma combinação de alguns ou todos esses abusos.

Além do mais, Airola afirmava que, quando as causas originais são eliminadas e a medicina biológica é corretamente empregada (*ou, eu substitui, começam a ser aplicados princípios de vida saudáveis*), o organismo, através da ativação de sua própria capacidade de cura, restitui a saúde e o bem-estar para o corpo doente e sofredor.

Sem prestar muita atenção, ouvi o relógio batendo meia-noite, mas eu ainda não podia parar. Tinha que continuar.

Tinha que aprender como era a medicina biológica de Airola. Não podia ir dormir sem antes saber quais eram os métodos que ele usava. Fiquei preso ao livro, tamanha era a minha urgência.

"Ah, meu Deus", murmurei no escritório semi-escuro, "preciso aprender a fazer isso... recuperar vítimas da AIDS... e todos os outros tipos de

vítimas... preciso aprender como chegar a elas, essas vítimas esperançosas que a medicina ortodoxa condenou a uma morte em vida por dependência de medicamentos..."

Meus olhos estavam cheio de lágrimas e eu nem me importava. "Preciso ensiná-las a despertar esse bem-estar dinâmico que é inato... Preciso... Preciso!"

De repente, percebi que mais alguém estava na sala. Mary tinha entrado tão silenciosamente que nem reparei. Ela me abraçou e murmurou, "Você vai conseguir, Bob. Vai conseguir."

No dia seguinte, na hora do almoço, encontrei Roger e Ellen na entrada de casa. Pareciam animados. "Onde você arranjou esse livro?", Roger perguntou.

Por alguns instantes até esqueci que tinha dado uma cópia do livro de Airola para cada um. "Livro?", perguntei. "Que livro?"

Roger ficou impaciente. "O livro que você deu para a gente ontem à noite. Do Airola."

Fiquei surpreso com a exaltação dele. "Ah, é. Por quê? Vocês gostaram?"

"Se gostamos? Bob, o livro é ótimo. Incrível! Aliás, é pena eu não ter lido esse livro há anos atrás. Só tem uma coisa que eu gostaria que ele mudasse..."

"O quê?"

"Bom, o autor fala principalmente da artrite. Mas, na verdade, está tratando de princípios que são válidos para todas as doenças. Não só para a artrite."

"É isso mesmo, doutor Bob", Ellen disse, timidamente. "É um livro muito útil. Gostei muito. Vai me ajudar bastante, como enfermeira, a realizar melhor o meu trabalho."

"Como assim?", perguntei para Ellen.

"Bom, para falar a verdade, é a primeira vez que entendo direito os princípios do jejum. E agora entendo o que o senhor estava tentando conseguir ao recomendar o jejum para Roger."

Sorri. "Parece que estamos no caminho certo, não é?"

Roger sorriu e endireitou os ombros. "É sim, Bob. E eu agradeço muito. Sabe que hoje é o meu *trigésimo quinto* dia de jejum? Sem comer nada além de sucos de frutas frescas e água?"

"Trinta e cinco dias, é?", disse. "Para mim pareceram três anos."

Roger concordou. "É, acho que para mim também. Mas, Bob, você conhece pessoalmente alguém que tenha feito jejum durante trinta e cinco dias?"

"Não, não pessoalmente. Roger, você parece muito bem. Como está se sentindo?"

"Melhor do que pensei que ia me sentir, passando a suco de frutas e água. E", acrescentou ele, "não se esqueça, sem *nenhum* tipo de medicamento".

"É isso mesmo. Sem nenhum medicamento", falei. "Deve ser um recorde..."

"Pode apostar. O fato é que estou me sentindo bem. Fraco, é verdade. Com pouca energia. Mas sem dores. As dores passaram todas. Isso é o melhor de tudo. Fazia tempo que eu vivia com dores... bem, seja lá como for, quero lhe mostrar uma coisa. Dê uma olhada aqui."

Roger tirou a sandália e mostrou a parte de baixo dos pés. "As lesões sanguíneas... o sarcoma de Kaposi... sumiu dos meus pés. Sumiu completamente. Nas pernas também, não tem mais nenhuma marca."

Puxei a cadeira para mais perto e passei meus dedos pela pele nova e lisa dos pés e das pernas de Roger. Não havia nenhum sinal de feridas ou lesões.

"Puxa, Roger, isso é incrível! Isso é, sem dúvida, um marco na medicina! Que maravilha! Mais alguma boa notícia?"

Ele fez que sim. "Lógico que tem mais. Medi minha pressão hoje e estava normal... pela primeira vez em muitos anos, a pressão arterial está normal!"

"Normal? Mas há uma semana estava alta."

"É. Mas hoje está normal. E, além disso, as dores, como já falei... aquelas dores horríveis nas costas... nas pernas... sumiram. Bob, eu..." Roger ia falar mais alguma coisa, mas a emoção não o deixou. Ellen pegou sua mão e apertou com força.

"Acho que o que Roger quer dizer, doutor, é que... bem... ele me disse hoje de manhã que, pela primeira vez, realmente acredita que vai ficar bom."

Os dois tinham os olhos cheios de lágrimas.

Mais ou menos uma semana depois, Glenda ligou. "Desculpe, doutor", disse ela, "mas não aguento mais esperar. O que o senhor achou do livro de Airola?"

Muito prudente, eu disse, "Glenda, acho que é muito promissor."

"Então o senhor vai supervisionar o meu jejum?"

"Sinto muito, Glenda", falei, e mesmo pelo telefone pude perceber a decepção dela, "mas não estou qualificado para fazer isso..."

"Ah... mas pensei..."

"Mas não desista", disse, "não estou dizendo que você não deve jejuar. Acho que deve sim. O que estou dizendo é que não estou preparado para fazer isso pessoalmente. E acho que, se você vai jejuar por um certo tempo, precisa de uma supervisão."

"Mas é que não conheço ninguém... nenhum lugar..."

"Posso indicar dois locais", disse, "são lugares onde há pessoas treinadas, capacitadas para cuidar de você de uma forma que eu não poderia... e ficarei contente em..."

"Dar os endereços?", interrompeu Glenda, entusiasmada.

Dei risada. "Era exatamente o que eu ia dizer. Passe aqui amanhã e Janine dará a você os endereços. Você mesma ode ir lá. Certo?"

"Muito obrigada, doutor. Muito obrigada."

"Tenho um pedido a fazer."

"Pode pedir", disse ela.

"Mantenha-me informado, está bem? Vá anotando tudo..."

"Anotando? Por quê?"

"Porque quero poder recomendar para outros pacientes lugares onde eles encontrem alívio. Da artrite. E de outros problemas... certo?"

Percebi que ela ficou mais tranquila. "Doutor Smith, terei muito prazer em fazer isso para o senhor... e para os outros pacientes."

Esses outros pacientes talvez sejam pacientes com AIDS, disse para mim mesmo.

Embora Roger apresentasse tantas melhoras, nós dois concordávamos que ainda não era hora de parar o jejum. Eu sabia que estávamos abrindo um caminho em meio ao desconhecido e não queríamos cometer erros.

"Há anos não me sinto assim tão bem", disse Roger no trigésimo quinto dia de abstinência de tudo a não ser sucos de frutas frescas. "Estou dormindo melhor. Aliás, só preciso de umas seis ou sete horas de sono por noite. Acho que nunca dormi antes tão pouco assim..."

Ri. "Não é o meu caso, Roger. Lembro-me que no Vietnã eu às vezes dormia somente duas ou três horas por noite."

Ele riu também. "Ah, eu me lembro disso. Mas estou falando de horas de sono *normal*. No Vietnã era diferente."

Roger estava agora na sala de exames do meu consultório, só de cueca. "Sei que pareço um esqueleto", disse ele, meio envergonhado, "e *estou* meio fraco. Mas não fico tão cansado quanto pensei que ficaria..."

Quando ele subiu na balança, ela marcou: 62 kg.

Pensei por alguns instantes. "Roger, acho que é hora da gente pensar em parar o jejum. O que você acha?"

Ele respondeu devagar. "É, acho que sim. Mas não sinto fome."

"Você já me disse isso. Mas acho que é hora da gente começar a aumentar o seu peso. Vamos fazer com muito cuidado. Você vai comer só frutas e hortaliças frescas. No início, pequenas quantidades. Pouco a pouco, vamos aumentando..."

Roger não respondeu logo. "Sinto-me tão bem, Bob, que tenho até medo de comer. Parece estranho, não?"

"Acho que entendo. Mas acho que está realmente na hora."

Ele concordou. "É. Eu também". Respirou fundo. "Sim, Bob, estou de acordo. Portanto... mãos à obra."

"Amanhã de manhã?" Roger deu-me um abraço apertado. Não pude deixar de perceber que ele estava bem mais forte do que da primeira vez que veio ao meu consultório, seis meses atrás.

Capítulo 20

"A AIDS está sendo proclamada a pior epidemia na história da humanidade", dizia David. O último paciente havia ido embora e nós conversávamos no meu consultório.

"Eu sei", disse-lhe.

"Você acha que isso é verdade?"

Balancei a cabeça. "Não. Não acho. Sinceramente, acho que é só mais um exagero dos meios de comunicação..."

"Mas a coisa está feia mesmo, Bob. Temos que reconhecer."

"Claro que está feia. Toda vez que alguém morre antes da hora é triste. Mas dizer que a coisa está preta é algo muito relativo."

"Como assim?"

"Bem, para começar, quantas mortes foram causadas pela AIDS?", perguntei.

David pensou por alguns instantes. "Os números mais recentes estão por volta de 20.000, pouco mais ou pouco menos."

"Em quantos anos?"

"Desde 1981."

"Ou seja, entre três a quatro mil morte por ano são atribuídas à AIDS. Concorda?"

"Concordo. Mas, onde você quer chegar?"

"Quantas pessoas morrem de derrame por ano?"

David respondeu de imediato. "Quase 350.000."

"E de câncer?"

"Perto de meio milhão por ano."

"E nós classificamos derrame e câncer de epidemias?"

David fez que não. "Estou entendendo o que você quer dizer. Mas, não existe um aumento constante no número de pacientes com AIDS?"

"Sem dúvida. Mas também há um aumento no número de mortes por todas essas outras doenças."

"Certo", disse David. "mas a toda hora escuto dizer e leio que a AIDS é, possivelmente, uma das piores pragas que já assolaram a humanidade."

Sem nada dizer, tirei um livro da estante e abri na página marcada. "Você conhece o Dr. Roy Walford, não conhece?"

David concordou. "Claro que conheço. É o professor-titular de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade da Califórnia, UCLA."

"Isso mesmo. Ele é titular desde 1966. É um homem em quem se pode confiar. Certo?"

David concordou.

"Muito bem. Veja o que o Walford diz sobre pragas: a doença cardíaca provocada por arteriosclerose é a maior epidemia que a humanidade já enfrentou, matando uma porcentagem maior da população do que a peste negra na Idade Média."

Deixei o dedo na página e fechei o livro. "Se estamos falando de epidemias... algo galopante, fora de controle, acho que devíamos falar da doença cardíaca provocada por arteriosclerose como uma epidemia. Uma verdadeira epidemia."

"Mas grande parte das doenças cardíacas podem ser evitadas."

Sorri. "Claro que grande parte pode ser evitada. E, na opinião de muitos pesquisadores, até a maior parte dos cânceres pode ser evitada..."

"Que pesquisadores, por exemplo?", desafiou ele.

Encolhi os ombros e dei para ele o livro do Dr. Walford. "O Walford diz, na página 125, que '80 a 90% dos casos de câncer são devidos a fatores ambientais'. E, dentre esses fatores, ele diz que a alimentação é o mais importante."

Tomei fôlego. "David, você sabe que o sarcoma de Kaposi é considerado um tipo de câncer. E também uma das tais doenças oportunistas que, segundo se diz, atacam as vítimas da AIDS..." Parei e David fez sinal que concordava.

"Isso para mim indica que, se uma grande porcentagem dos casos de câncer é causada por fatores ambientais, a AIDS também está nesse grupo. Assim não é apenas possível prevenir a AIDS como *também é possível reverter o curso da doença.*"

Voltando para casa à noite, fui lembrando da minha conversa com David. Embora eu realmente acreditasse que a AIDS é *provocada* e não é simplesmente uma doença que *se pega*, e que a AIDS é a consequência e não a causa do colapso do sistema imunológico, eu tinha que reconhecer que, na verdade, não sabia como isso acontece.

Até aquele momento eu só tinha tratado de um paciente com AIDS. Um tratamento: uma recuperação, o que dava 100%. Nada mal. No en-

tanto, eu agora tinha que encarar a questão inevitável: será que eu consigo fazer isso de novo?

Gostaria de acreditar que sim.

Mas sabia que não era possível acreditar nisso sem antes determinar a causa (ou causas) certa do colapso do sistema imunológico, que resultava no diagnóstico da AIDS. No caso de Roger, havíamos determinado que o excesso de drogas - inclusive o abuso de drogas "legais" (os medicamentos) - era provavelmente a causa imediata mais óbvia.

Evidências maciças pareciam indicar que a homossexualidade e o estilo de vida homossexual resultante eram as causas básicas da mais alta porcentagem de vítimas da AIDS. Esse "estilo de vida resultante" era definido de modo estereotipado para aqueles que mostram uma preferência homossexual. Dentro desse estilo de vida estereotipado os não-homossexuais haviam incluído e interpretado elementos como a dependência de drogas (principalmente drogas injetáveis), alcoolismo, formas de promiscuidade, instabilidade emocional e numerosos excessos de todos os tipos.

Alguns pesquisadores alegavam que o sêmen masculino é o culpado e, quando depositado em outro local que não na vagina, provoca um efeito extremamente negativo que causa os mais diversos problemas. Achei difícil acreditar nisso.

Conforme fui procurando, analisando e avaliando todas as hipóteses e teorias, fui descartando uma após a outra e logo me restavam apenas uma ou duas.

Uma dessas teorias foi muito bem elaborada pelo Dr. Arnold Fox, autor de muitos livros, em um artigo intitulado *Stress and Your Immune System* (O *stress* e o sistema imunológico), na revista *Let's Live*, janeiro de 1987.

Falando sobre o *stress*, o Dr. Fox perguntava, "Será que nossos *pensamentos* podem realmente enfraquecer o sistema imunológico?"

"Sim", respondeu ele. "Cientistas encontraram provas químicas e físicas que confirmam uma coisa que há muito tempo sabemos: o espírito e o corpo estão intimamente ligados. *O que acontece na mente inevitavelmente se reflete na saúde ou na doença do corpo.*"

Assim que entrei em casa, Mary olhou para mim e disse, "estou vendo que você não vai ser uma companhia muito boa para o jantar hoje".

"O quê?", perguntei. "O que foi que você disse?"

Mary riu. "Bob, eu sei quando você está com alguma idéia fixa na cabeça... tenho certeza que seu pensamento está a milhares de quilômetros daqui..."

"Está assim tão na cara?"

"Está sim. Mas não faz mal." Ela abraçou-me e expulsou-me da cozinha. "Vá tomar o seu banho. Eu levo o jantar para você. Assim você pode ficar sossegado com seja lá o que for que está ocupando seus pensamentos. Amo você."

"Obrigado, meu bem. Estou mesmo precisando ficar sozinho um pouco..."

Comi mecanicamente, minha mente remoendo as idéias do Dr. Fox. Ele falava de raiva, rancor, decepção, amargura, medo, vergonha e outras emoções negativas e o efeito que elas têm sobre o nosso corpo.

Quando ficamos presos a esses sentimentos negativos, dizia o Dr. Fox, alimentando-os, cultivando-os e fazendo com que se tornem parte da nossa personalidade, eles estimulam "a produção e a liberação (daquilo que ele denominou) de mensageiros químicos que chegam a todas as parte do corpo, espalhando a má notícia".

Os pensamentos no organismo se transformam em adrenalina, noradrenalina, cortisona, ACTH e outras substâncias químicas, *que alteram o delicado equilíbrio biológico do corpo e enfraquecem o sistema imunológico.*

Quando isso acontece a uma pessoa, ela se torna presa fácil de todo tipo de doenças que normalmente seriam repelidas.

"Nossa!", disse, quase derrubando os pratos vazios no chão. "A AIDS não mata as pessoas. Venho dizendo isso há semanas."

Ia ficando cada vez mais claro para mim.

A AIDS é efeito e não causa.

A AIDS reflete e mostra o sistema imunológico destruído, mas a AIDS não é causa do colapso do sistema imunológico.

Quando o sistema imunológico fica inutilizado por substâncias químicas traiçoeiras, liberadas pela negatividade descontrolada, o resultado é um organismo sem defesas, incapaz de proteger a si próprio. Conclusão: o corpo se torna vítima de todos tipos de doenças chamadas "oportunistas", como é o caso do sarcoma de Kaposi, da pneumonia por *Pneumocystis carinii* e de certos tipos de câncer.

A morte, quando ocorre, é então atribuída à AIDS, o que não é justo. A AIDS não causa a morte. A AIDS não pode causar nada. A AIDS é simplesmente o estado em que o corpo se encontra quando ele destruiu seu próprio sistema imunológico!

Agora sim!

Lembrei-me do dia em que fiquei com tanta raiva do pastor que falava no rádio afirmando que a AIDS é a justiça divina no nosso mundo perverso.

Agora, nessa noite, com mais certeza do que nunca, eu percebia o quanto essa posição teológica ou filosófica, *maldosamente autoritária*, é errada e simplista. A AIDS, na minha opinião, nada mais é que o resultado do desrespeito às leis imutáveis de Deus. Assim como uma pessoa é "punida" por violar imprudentemente as leis da gravidade ou da eletricidade, também é punida por violar as leis que regem os cuidados como o seu próprio corpo.

"O *stress* é a reação do corpo, do espírito e da mente aos fatos que atingem nossa vida", dizia o Dr. Fox. "Escolhemos a reação; ela não é imposta pelas mãos de Deus."

São as nossas reações, nossas opiniões, nossos *pensamentos*, eu agora compreendia, que regulam o *stress* no corpo. Os pensamentos produzem alguma coisa. E "o que eles produzem", diz o Dr. Fox, "são substâncias químicas tais como a adrenalina e o ACTH. Quando nossos pensamentos produzem estas substâncias na hora errada, em quantidades excessivas, *o resultado é um sistema imunológico danificado*."

"Seus pensamentos produzem essas coisas dentro de você. Por isso você fica doente."

Rancores, então, pensei, raiva, hostilidade, agressividade, lembranças guardadas ou não perdoadas de abusos sofridos na infância, medo, em suma - todas as tensões, frustrações e emoções mal resolvidas, automaticamente produzem um excesso de substâncias químicas no nosso corpo, causando o colapso ou a destruição do nossos sistema imunológico.

Tudo ia ficando claro para mim.

Os medicamentos, "drogas externas" são substâncias químicas. Quando usamos de forma errada (ou exagerada), elas provocam danos ao nosso corpo.

As drogas "internas" (produzidas pelo nosso organismo) também são substâncias químicas. Elas também, quando produzidas e usadas (ou abusadas) de forma errada, provocam danos ao nosso corpo.

Isso tinha cada vez mais lógica.

Procurando a causa fundamental e original da AIDS e de *todas* as doenças, comecei a sintetizar todos os fatos e informações que conhecia para encontrar o denominador comum. Ao fazer isso, encontrei o que acredito ser uma premissa fundamental: tanto as drogas pesadas e medicamentos (ingeridos ou injetados externamente) quanto as drogas "leves" (produzidas e "injetadas" internamente), provocam a destruição

progressiva de vários órgãos do corpo, e essa é a causa real de todas as enfermidades.

De tudo a que chamamos de "doença".

Se isso é verdade, então, todas as doenças - quer seja, gripe, asma, câncer, artrite, osteoporose, diabete ou AIDS - são apenas rótulos artificiais que colocamos ao acaso em diversos conjuntos de sintomas, dependendo da sua localização física. E todas as doenças são apenas uma toxemia progressiva (ou envenenamento) induzida por drogas (medicamentos e substâncias químicas), sejam endógenas (produzidas internamente) ou exógenas (produzidas externamente).

E quando a toxemia não tratada piora muito, o sistema imunológico começa sua autodestruição. A AIDS, percebi então, voltando ao ponto de partida, não destrói o sistema imunológico. A AIDS é o resultado final do sistema imunológico destruído.

E esse é o motivo pelo qual a AIDS sempre é fatal: o corpo esgotou suas reservas. Não consegue mais reconstruir ou recuperar-se. Ele não pode fazer mais nada.

Só resta morrer.

E Roger?

Por que seu sistema imunológico começou a funcionar de novo? A resposta agora parecia clara.

Através do jejum, o corpo de Roger pôde eliminar as substâncias tóxicas acumuladas. Ao ficar em um ambiente sem tensões, cercado de atenção e carinho, as drogas auto-induzidas, que seu medo e sua raiva produziam há anos, também foram eliminadas.

Além disso, Ellen havia substituído a solidão de Roger por aceitação e felicidade. Nesse ambiente, o organismo de Roger pôde repousar e curar-se.

Mas, eu pensava, existe, sem dúvida, em qualquer corpo, um ponto a partir de onde não se pode mais voltar, e se esse ponto for ultrapassado, não podemos mais reverter os resultados destrutivos inevitáveis de um sistema imunológico acabado. E isso deve ocorrer quando a degeneração do organismo chega a um ponto em que os tecidos foram afetados e destruídos. Nesse instante, nem o incrível poder regenerativo do corpo pode mais promover sua cura...

Mas como, eu pensava, pode um médico, - um simples ser humano que certamente não é Deus, - determinar para outro ser humano o momento em que esse ponto é atingido? Apesar do estudo e da prática do médico, a resposta para mim era claríssima: não é possível!

Já era tarde quando cheguei a todas essas conclusões, mas eu tinha que falar com alguém. Batina porta de Roger.

"Entre", disse ele prontamente.

Roger estava senado na cama. Ellen estava sentada ao seu lado. O brilho nos olhos de ambos revelava o sentimento que existia entre eles. Senti-me um intruso. "Desculpem", disse, dando meia volta e saindo.

"Não, Bob", disse Roger. "Entre, por favor. Temos uma coisa importante para dizer..."

Sentei na beirada da cama. "Acho que vou adivinhar."

Ellen ficou vermelha. Roger perguntou. "Está assim, tão na cara?"

Fiz que sim. "Está. E quero sinceramente desejar felicidades dos dois."

"Acredito que a crise física já acabou", Roger disse. "E tenho certeza de que estou a caminho de uma recuperação total. Você concorda?"

"Sim, Roger. Concordo plenamente. E estou tão feliz de ver você dois. Feliz por você, Roger... e por você, Ellen."

Aí Ellen falou, "Doutor Smith, queremos agradecer por tudo que fez para permitir a cura de Roger... e por nos aproximar um do outro."

Sorri e assenti com a cabeça.

"Agora, Bob", disse Roger, "parece que você também queria dizer uma coisa importante".

"É. Mas acho que seria muito longo falar disso a essa hora da noite."

"Tem a ver com a AIDS... e comigo?"

"Tem. Finalmente entendi tudo claramente.

"Como assim?"

"Cheguei a algumas conclusões sobre como e por que você recuperou a saúde..."

Roger recostou-se na cama. Ellen sentou bem perto dele, acariciando sua mão suavemente. Roger disse, "Então diga, Bob... porque agora", ele sorriu para Ellen, "nossas perspectivas são brilhantes e temos todo o tempo do mundo..."

Capítulo 21

Mesmo depois do êxito de Roger Cochran e da certeza que eu agora tinha sobre a etiologia real da AIDS, duas grandes preocupações, ou melhor, receios, começavam a me atormentar sem que eu pudesse resolvê-los.

Primeiro, com base no pressuposto de que a AIDS é o *resultado* e não a causa, era incompreensível para mim que outras pessoas - tantas outras pessoas - que tinham acesso às mesmas informações que eu - não tivessem chegado às mesmas conclusões. Se assim fosse, eu me perguntava se era o primeiro ou o único cientista a ter demonstrado em um "laboratório" vivo, humano, que é possível recuperar o sistema imunológico humano, devolvendo ao paciente condenado pela AIDS a via e a saúde.

Será que havia outras pessoa lutando com os mesmos problemas e chegando às mesmas conclusões que eu? Se havia, será que essas pessoas também estavam aplicando os mesmos princípios saudáveis no tratamento de outras doenças? Ou será que, por causa das pressões do sistema médico ortodoxo, por medo, ou por motivos econômicos, essas pessoas preferiam ignorar suas descobertas e continuar a praticar a medicina da maneira tradicional?

Haveria ainda outras pessoas que também vislumbraram a verdade como eu, mas resolveram aproveitar-se da ignorância do povo, construindo ricos e poderosos impérios farmacêuticos ou de atendimento à saúde?

Enquanto eu pensava sobre essa possibilidade, encontrei por acaso uma carta à redação da revista *INSIGHT* (agosto de 1986) escrita pelo Dr. Stephen S. Caiazzo, presidente de uma comissão de médicos de Nova Iorque (*Committee of Concerned Physicians*). Na carta, o Dr. Caiazzo dizia que, "A AIDS está se tornando um negócio milionário, envolvendo bilhões de dólares em lucros potenciais para a indústria biomédica..."

Esse fato me deixou extremamente perturbado. Mas ainda havia mais.

"Entretanto", continuava o Dr. Caiazzo, "por causa competição acirrada dentro da indústria, não é raro para nós que estamos envolvidos de perto com a AIDS, recebermos ofertas de informações sigilosas e confidenciais sobre ações, ofertas de gratificações e 'pagamentos por consultoria' em troca do apoio a modalidades novas e lucrativas de tratamento e diagnóstico de uma determinada empresa. Nenhum médico merecedor de seu diploma pode aceitar esse tipo de oferecimento. Seria uma violação de todos os princípios da ética médica."

Eu concordava plenamente com a posição do Dr. Caiazzo.

"O problema, contudo", continuava ele, "vai mais fundo ainda. Devido à forma limitada e extremamente difícil pela qual a AIDS é transmitida, ela é basicamente uma doença comportamental. Com medidas de saúde adequadas em todos os níveis, uma educação sólida para todos os norte-americanos e responsabilidades por parte dos indivíduos, a *AIDS tem 100% de possibilidade de ser evitada.*"

"Deus do céu", disse para Mary, que apareceu no meu escritório nesse momento, "eis aqui um médico renomado e influente que acredita que a AIDS pode ser evitada!" De tão entusiasmado que estava com a descoberta, comecei a andar nervosamente de um lado para o outro, balançando a revista.

"Que ótimo!", concordou Mary, abraçando-me e depois saindo do escritório. Quando consegui me acalmar o suficiente para sentar, continuei a ler o restante da carta.

"Analogamente", prosseguiu o médico, "é o mesmo caso do câncer de pulmão provocado pelo cigarro ou das mortes e ferimentos causados por motoristas bêbados."

"Por isso, quando empresas como a Genetech ignoram a prevenção e falam em desenvolver uma vacina contra uma doença que pode ser evitada, convocando renomados médicos e pesquisadores para ser consultores e dar prestígio à sua imagem, enquanto, ao mesmo tempo, suas ações se vendem com imensos lucros devemos ficar céticos. Isso é ciência e medicina ou é só trabalho de relações públicas?"

Senti uma grande frustração. E pensar que profissionais eram capazes de se aproveitar do sofrimento humano assim, desse jeito. É nessas horas que tenho vergonha de ser chamado de médico.

O Dr. Caiazzo terminava a carta com um parágrafo contundente:

"A AIDS é uma tragédia humana de proporções inacreditáveis", escrevia ele. "*Mas é uma doença com a qual podemos acabar no momento que tivermos vontade e determinação suficientes.* No entanto, tenho medo de que essa vontade e essa determinação nunca apareçam, *com toda a história que vemos germinando em torno da AIDS.*"

Ao ler o final da carta do Dr. Caiazzo senti a mesma raiva fria e justificada que senti no Vietnã, quando era convocado para dar uma jeito nos corpos feridos, queimados e rasgados de meus compatriotas, sacrificados em um conflito inútil e sem esperanças, que não foi digno sequer de ser chamado de guerra.

"*Estamos perto do dia*", dizia o Dr. Caiazzo, "*em que vamos precisar da AIDS e não poderemos mais viver sem ela, porque ela será essencial aos lucros de inúmeras empresas.*"

"Meu Deus", disse para mim mesmo, "será possível que tenhamos nos substituído a ponto do imenso sofrimento de nossos irmãos não significar nada para nós além de alguns dólares a mais?"

Durante toda a minha carreira como médico eu havia sido fiel à Associação Médica Americana e aos meus colegas. Mas ultimamente, por causa de minhas pesquisas - muitas relacionadas com aquilo que a Associação Médica Americana chama de enfoques "alternativos" - eu começava a acreditar que devia haver muitas outras maneiras de tratar os pacientes além dos métodos ortodoxos "aceitáveis", i.é., medicamentos, cirurgia e radioterapia.

Às vezes, eu me sentia perdido num mar de dúvidas sem respostas.

E foi numa dessas vezes, quando lia coisas como a carta do Dr. Caiazzo, que comecei a questionar não só a validade da "indústria da AIDS", mas também de toda a profissão médica.

Mesmo antes de ler a carta do Dr. Caiazzo, eu já me perguntava, "Por que somos bombardeados com material de divulgação sobre a AIDS o tempo todo?" Sempre fiquei chocado com a verdadeira *blitz* que era feita contra a AIDS. Era impossível fugir do bombardeio constante dos meios de comunicação.

"Isso é demais, é muito cedo", dizia eu para David Cohen. "A impressão que dá é que somos bombardeados com todo esse exagero sobre a AIDS por algum motivo..."

"Também acho", disse David. "Mas qual seria o motivo?"

"Evitar que a gente pense direito sobre o assunto."

Ele apenas olhou para mim. "Mas, por quê?"

Balancei a cabeça. "Não sei... Sei lá... Mas eu pretendo descobrir."

Eu já tinha chegado à conclusão que os tais "sintomas da AIDS" não eram novos. Sempre houve os sintomas que agora são conhecidos como sintomas da AIDS. Eu, particularmente, duvidava um pouco do "aumento estatístico" desses sintomas. Não seria por causa do aperfeiçoamento dos registros de dados oficiais?

Ou será que - e só de pensar fico arrepiado - doenças que antes tinham outros nomes agora eram reunidos e chamadas de AIDS? Se isso fosse verdade, indicaria com certeza a manipulação maciça de toda a instituição da medicina.

Pouco a pouco, ia aumentando em mim a terrível impressão de que a "indústria da AIDS" não era mais que isso: uma indústria. Criada com o objetivo único, ou pelo menos principal, de gerar dinheiro - muito dinheiro - para o sistema farmacêutico e médico.

Se fosse assim, e eu começava a acreditar que era mesmo, então a *AIDS era somente brincadeira muito cruel.*

"Seria possível? Não", pensei com meus botões. "Seria monstruoso. Inconcebível!"

Mas, talvez não tão inconcebível assim. Pois a história não tem mostrado que é possível um pequeno grupo de pessoas, com interesses políticos e econômicos e possuindo grande recursos em dinheiro, criar mentiras monstruosas, tão grandes que passam a ser aceitas e acreditadas por todo mundo?

Embora a idéia fosse "impensável", fiquei pensando nela assim mesmo.

Era bastante evidente para mim que a profissão médica, inclusive eu mesmo, na verdade nada tínhamos a ver com a recuperação de Roger. O organismo de Roger, quando teve a oportunidade realizou a recuperação sozinho! Médicos e medicamentos não foram necessários. Raios X e hospitais, com suas enormes instalações e seu batalhão de funcionários, não foram utilizados.

E, no entanto, antes da espantosa recuperação de Roger, ele havia sido atendido pela própria medicina.

Aceitaram seu dinheiro, cortaram-no com bisturis, perfuraram seu corpo para despejar medicamentos e tirar seu sangue. Jogaram com ele o jogo mortal da medicação até ficar óbvio que nada adiantava.

Fracassaram. E, mesmo assim, recusaram-se a aceitar alternativas biológicas como opções viáveis.

Em vez disso, tomaram uma decisão final: declararam Roger "intocável", colocaram nele um rótulo de "terminal" e o mandaram embora.

A partir daí, o único futuro para Roger era mesmo a sepultura.

Como médico, eu sabia que nem todos os médicos eram assim tão insensíveis. Sabia que havia milhões de médicos compassivos e interessados no ser humano, que faziam tudo o que podiam para manter seus pacientes vivos e bem.

Mas agora era óbvio para mim que a AIDS, ela própria, era muito mais do que somente outra doença ou outra epidemia. Era uma verdadeira instituição. Uma instituição muito bem planejada. E que, por trás do "pânico da AIDS", estava uma poderosa e imensa máquina financeira, dando as cartas e controlando toda a indústria farmacêutica e da saúde. Um artigo no jornal *Los Angeles Herald Examiner* (21 de março de 1987) reforçou minhas impressões. Falando do medicamento *Retrovir*, feito pela Burroughs Wellcome Company, o fabricante estimava que "o preço do tratamento anual seria em torno de oito a dez mil dólares por paciente..."

Oito a dez mil dólares anuais por um paciente com AIDS!

Esses e outros dados levaram-me a acreditar que homens como eu e como milhares de outros médicos bem-intencionados estávamos sendo inescrupulosamente manipulados. E a maioria de nós havia acreditado na propaganda e entrado no jogo deles.

Isso era realmente monstruoso.

Meu Deus, pensei angustiado, se existe um inferno, esses que se aproveitaram dos gritos desesperados dos desgraçados deveriam ser mumificados com seu dinheiro e obrigados a sofrer para sempre!

Capítulo 22

Eu enfrentava agora um dilema muito sério. Considerando aquilo que atualmente sabia, seria possível conservar a minha integridade e estar de acordo com os meus princípios sem sucumbir à pressão da medicina ortodoxa? Será que essa pressão não se tornaria tão grande que eu acabaria desmoronando? Ou, pior ainda, se eu tentasse agir de acordo com os meus princípios, seria simplesmente massacrado pelo poder da ortodoxia?

Eu sabia que não tinha recursos para posicionar-me contra as forças unidas da medicina ortodoxa. Mesmo assim, não queria abandonar minha esperança na medicina biológica que, tinha certeza, seria o futuro da medicina. O quê fazer?

Queria convencer David e Roger a me ajudarem no desenvolvimento do tratamento que havia funcionado tão bem para Roger. Desejava estudar melhor os detalhes e minúcias da medicina biológica, começando a aplicá-la em outros pacientes. Não só em pacientes com AIDS, mas na maioria dos pacientes.

"Sinceramente", eu dizia para Mary, "me assusta muito pensar em começar."

"Por que, Bob? Você é jovem ainda. Tem uma clientela estável. É bem aceito em diversos hospitais..."

"Não é só isso", disse. "Tenho lido sobre vários médicos que adotaram sistemas alternativos de cura. E muitos tiveram problemas..."

"Problemas? De que tipo?", perguntou Mary, realmente confusa.

"Bem, quando um médico discorda das normas da Associação Médica Americana e não obedece às suas recomendações, a AMA, a *Federal Drug Administration*, (FDA), o Instituto Nacional do Câncer e outras organizações vão atrás dele..."

"Vão atrás dele? Como assim?"

"Para começar, amolam e irritam tanto o homem que ele desiste de discordar. Caso ele não desista, é processado e impedido de trabalhar. Ou pior."

"É difícil de acreditar", disse Mary. "Você quer dizer, então, que a AMA faria isso?"

"Aposto que faria. E os órgãos federais também. Vou dar um exemplo. O Dr. Lawrence Burton tinha uma clínica em Freeport, nas Bahamas."

"O que aconteceu?"

"Para começar as autoridades médicas expulsaram o Dr. Burton de Long Island, em Nova Iorque. Aí, quando ele abriu uma clínica nas Bahamas e continuou a tratar seus pacientes com um tratamento para fortalecer o sistema imunológico, as autoridades norte-americanas foram lá e fecharam a clínica."

"Por quê?"

"Simplesmente porque Burton usava métodos alternativos de tratamento. E a AMA não permite."

"Não entendo, Bob..."

"Nem eu, meu bem. Mas é o que acontece o tempo todo. Em março do ano passado, por exemplo, o Dr. Bruce Halstead, aqui mesmo na Califórnia, foi condenado a quatro anos de prisão e teve sua licença médica cassada."

Mary ficou boquiaberta. "E por quê?"

"A única acusação contra ele era praticar a medicina alternativa, algo que a AMA não aprova."

"Não sabia que era assim..."

"Está vendo este monte de recortes na minha mesa? É sobre médicos, osteopatas, quiropráticos, nutricionistas e outros profissionais da saúde que estão sendo processados pela AMA, pela FDA, pelo Instituto Nacional do Câncer e por outros órgãos do governo por causa de acusações fictícias.

Existem abusos e excessos nesse campo e esses órgãos estão sempre atentos contra o charlatanismo, mas *muitas pessoas que estão sendo processadas são homens e mulheres qualificados, honestos e inteligentes*, preocupados com a saúde de seus pacientes."

Suspirei. "Agora você entende por que tenho medo de começar a trabalhar de um jeito novo, usando uma abordagem diferente?"

Mesmo assim, eu queria continuar seguindo minha nova compreensão das coisas. Sabia que não poderia fazer isso sozinho, por isso resolvi conversar com David.

"Agora já está bem claro que Roger está indo muito bem, está a caminho da recuperação total...", fui dizendo quando nos encontramos.

David comeu mais um pouco de salada e concordou. "A recuperação dele é incrível. É o único paciente com AIDS que está conseguindo se restabelecer, pelo menos que eu tenha ouvido falar."

"Com certeza há outros", disse, "mas concordo com você. Eu também não conheço nenhum outro. E todas as estatísticas profetizam a morte certa para quem tem AIDS."

David terminou de almoçar e recostou-se na cadeira. "Parece que você quer conversar comigo sobre algo importante, certo?"

"Certo. Resumindo: e agora, o que faremos?"

"Tenho pensado nisso. Estou do seu lado. Durante algum tempo - um bom tempo, aliás - fiquei meio cético. Nunca escondi isso de você. Sempre disse o que achava."

"É sim. Gosto disso." Terminei minha salada e chamei o garçom para pedir a conta. "Estou com umas idéias que queria discutir com você..."

David olhou para o relógio. "Pode falar. Temos ainda mais de meia hora."

"Bom, em primeiro lugar, David, fiquei muito entusiasmado com a evidente recuperação de Roger..." Ele concordou e eu prossegui. "Queria muito continuar trabalhando no campo da AIDS. Queria pôr em prática umas idéias novas... escrever sobre isso..."

David franziu a testa. "Você está pensando em divulgar tudo isto agora?"

"Não, não. Aliás, não quero nem pensar em divulgação, publicidade. Se aparecerem pacientes com AIDS, nós trabalhamos. Se não aparecem, vou usar a mesma abordagem com outros problemas."

David ficou bem mais tranquilo. "Ótimo, Bob. Porque fazer com outros pacientes o que você fez com o Roger seria muito difícil, para dizer o mínimo. Se não impossível". Franziu a testa. "É outra coisa, a gente nem sabe direito se a abordagem biológica vai funcionar para todo o mundo."

"Concordo. Acho que vai depender do estado de deterioração do sistema imunológico e do próprio paciente. Havendo danos sérios nos tecidos, tenho dúvidas sobre a capacidade do organismo de se recuperar totalmente como o organismo do Roger conseguiu."

Entreguei o cartão de crédito para o garçom.

"E tem mais uma coisa que eu sei que você está pensando. Não temos instalações para isso. Mas acredito que existam instalações adequadas por aí..."

"Ah, é?" David levantou as sobrancelhas. "Nunca ouvi falar."

"Existem centros de saúde especializados em jejum e alimentação. São instalações administradas por médicos ou nutricionistas..."

"Não é coisa de charlatão?"

"Não. Já conheço uns dois ou três. Mas existem muitos outros e é claro que eu faria uma verificação completa antes de recomendar para um paciente. Mas o problema é que não dá tempo de atender no consultório e sair por aí verificando esses centros."

"Eu também não posso", disse David devagar. "Tem alguma idéia?"

"Tenho. Pensei em Roger."

"O Roger? Hummmm. Não tinha pensado nisso. O que ele iria fazer? Você já conversou com ele?"

"Não, ainda não falei nada para ele. Queria conversar com você primeiro. Minha idéia é o Roger visitar as instalações, verificar o pessoal e tudo mais. Depois, com muito cuidado, com muita atenção, posso começar a mandar pacientes - com AIDS, artrite, talvez até cardíacos - para um ou mais desses centros. Roger faria a supervisão dessa parte do nosso programa de saúde. O que você acha?"

David sorriu pela primeira vez. "A idéia é excelente. Sendo um ex-aidético, ele teria condições de fazer isso. Sou a favor."

"Que bom que você aprova a idéia, David. Agora, acho que é melhor eu conversar com ele, saber o que ele pensa, depois nós nos reunimos...?"

A ocasião parecia oportuna. Roger estava ganhando peso rapidamente. Parecia também estar ganhando novas energias no corpo e no espírito - uma vibração que eu conhecera anos atrás. Quando mencionei para Mary a conversa que tive com David, ela disse, "Vamos passar um fim de semana no barco..."

Era bem cedinho, uma manhã de sábado. Nós quatro - Mary, Ellen, Roger e eu - acabávamos de deixar o molhe em direção a Catalina. A pequena escuna "BandAids" recém-pintada resplandecia ao sol. Era minha e de David. O vento vinha da popa e as ondas eram suaves. Içamos a vela mestra e a bujarrona e tratamos de ficar à vontade, aproveitando o passeio.

Mary e Ellen estavam na cozinha do barco, preparando o café da manhã. Roger e eu estávamos na cabine. Ele dirigia. Era o cenário perfeito para falarmos sobre o futuro.

Para iniciar a conversa, perguntei, "Roger, já pensou no que vai fazer?"

"Quando?", perguntou ele, com um sorriso.

"Bem... quando recolocar sua vida em ordem. E depois..."

"Depois do casamento?" Ele riu. O casamento deles estava marcado para meados do verão.

"Claro. Bem, suponho que um noivo às vésperas do casamento não vá fazer algo tão sem graça como trabalhar."

Depois de alguns instantes de brincadeiras, Roger estudou seriamente a direção da vela mestra, antes de falar. "Para falar a verdade Bob, Ellen e eu temos pensado muito nisso - no futuro, como você diz."

O vento mudou e Roger soltou o leme um pouco, para enfunar a vela. "Bob, para falar claramente, estou sem dinheiro". Deu aquele sorriso meio de lado. "Praticamente sem nenhum dinheiro..."

Rimos os dois. "Como era de se esperar, eu já tinha gasto tudo o que tinha quando apareci lá no seu consultório aquele dia."

"É, foi o que imaginei."

"Na verdade", disse ele, olhando bem nos meus olhos, "estou procurando um emprego... você está interessado?"

"Em você? Ou em um emprego?"

"Adivinha! Em um emprego para mim..." Roger estava no leme desde que havíamos zarpado e vi que estava ficando cansado.

"Quer que eu fique no leme um pouco?", perguntei.

Ele fez que sim, soltou o leme e depois sentou-se no topo da cabine. "Estou falando sério, Bob. Quero mesmo voltar a trabalhar. Estou quase pronto para isso. E...", parou pensativo, "Ellen e eu conversamos sobre isso. Afinal de contas, tem que ser uma decisão nossa... e achamos que devo trabalhar com você e com David. E..."

Roger parou no meio da frase.

"E... o quê?", perguntei.

"Eu gostaria de continuar o trabalho com a AIDS que você - quer dizer, nós, mas principalmente você - começou." Olhou para mim, ansioso. "O que você acha? Concorda?"

Segurei o leme com dois dedos e estendi a mão. "Segura aqui, Roger... bem-vindo a bordo como novo sócio!"

"Como assim?"

"David e eu estávamos só esperando você falar alguma coisa..."

Roger começou a falar mas não deixei. "Espere um minuto. Quero dizer qual é a nossa idéia. Aí você pensa sobre isso. Está bem assim?"

"Está", disse Roger, mas pude ver que ele estava ansioso para dizer que aceitava.

"Eu - bem, David também, mas a idéia no momento é mais minha do que dele - quero continuar, bem como você disse, aplicando a nossa filosofia do tratamento integral. Medicina natural, medicina biológica". Franzi a testa. "A AMA chama isso de medicina alternativa. Seja como for, queremos trabalhar com as vítimas da AIDS, quer dizer, se aparecerem..."

"Isso é inevitável", interrompeu Roger.

"Mas também vamos usar os mesmos métodos de tratamento com outros pacientes. Pacientes com artrite... já contei sobre Glenda, como ela melhorou, não contei?"

"Sim. E ela parece muito bem."

"Cardíacos, diabéticos. Pacientes com qualquer tipo de problemas. Vamos fazer tudo muito devagarinho no começo, procurando não atrair a atenção dos irredutíveis da Associação Médica Americana. Sabe o que quero dizer, não?"

"Sei. Os hereges da medicina - e é assim que vão nos chamar - são expulsos. Alguns são até presos. Sim, Bob, sei do que você está falando."

"Pode ser arriscado, Roger. Quero que saiba disso. Alguns médicos têm a licença cassada..."

Ele concordou. "Eu sei, Bob. Sei sim. Mas eu praticamente ressuscitei... e não foi graças à medicina ortodoxa. A medicina ortodoxa quase acabou comigo antes de eu procurar pro você. Foi você que teve a coragem de experimentar algo diferente. Se não fosse você e a sua coragem, eu... bem... eu estaria morto agora..."

Roger olhou pela escotilha e viu Ellen e Mary fazendo o café da manhã. Quando virou-se novamente, tinha os dentes cerrados. "Bob, na verdade eu não tinha muitos motivos para querer viver antes. Agora tenho. Você fez tudo por mim. E eu... bem... eu..."

Tossiu e limpou as lágrimas com as mãos. "O que quero dizer... pode contar comigo. Para tudo. Certo?"

"É o que eu esperava ouvir, Roger. E fico realmente contente com a sua decisão. Mas deixe-me terminar de dizer o que estou planejando... conheço alguns centros... a gente podia usar alguns deles para encaminhar os pacientes. Com a nossa supervisão, claro. Quem sabe mais tarde a gente até possa comprar um centro..."

A brisa aumentou. "Ajuda aqui com a vela" disse, "vem vindo uma rajada".

Após dez minutos, deslizávamos rapidamente.

"Conversei com David sobre tudo isso. E nós dois concordamos que, se você quiser, deverá liderar esse projeto. Você quer? Ou quer pensar primeiro no assunto?"

Roger levantou tão depressa que quase bateu a cabeça na retranca. "Se eu quero? *Se eu quero?* Mas foi quase exatamente isso que eu disse a Ellen que gostaria de fazer. Pode me contratar!"

Mary apareceu na escotilha e tocou o sino do barco oito vezes. "Oito horas, comandante, e tudo está bem", disse ela, sorrindo. "E o café da manhã está pronto."

Capítulo 23

David e eu estávamos no meu consultório quando Roger ligou. "Estou no centro", disse ele, "e é lindo!"

"Em qual centro?", perguntei.

"O do Hastings. O quiroprático."

"Ah, sei, foi onde Glenda ficou. Conte como é."

Fiz sinal para David pegar a extensão do telefone para escutar também. Quando ele pegou, Roger ia dizendo, "...o lugar é cercado de bosques... com chalés para uma ou duas pessoas. Cada chalé tem cozinha e banheiro. Lareira. Há um refeitório comum, central. O lugar é muito bem cuidado."

"Quantas pessoas podem ficar hospedadas no centro?", perguntou David.

"O Dr. Hastings disse-me que nos chalés há lugar para cinquenta pessoas. E no edifício central cabem mais quarenta. Há também um chalé separado para o diretor... e outro para o pessoal que trabalha aqui..."

"E os auxiliares do Hastings?", perguntei.

A voz de Roger era clara e firme. "São quatro auxiliares", disse ele. "Moram em um chalé de dois andares, dois em casa apartamento."

"Mais uma pergunta", disse, "como está indo o centro? Como está indo o Hastings?"

"Esse é que é o problema", disse Roger.

"Por quê?", perguntou David.

"Bem, é que a Associação Médica Americana está fazendo tudo para fechar o centro. Há um processo contra ele."

"Um processo?", falei. "Sob que acusação?"

"Exercício da medicina sem licença médica."

Olhei para David e ele para mim. David falou primeiro. "Podem comprovar a acusação?"

"Acho que não, pelo que estou vendo", disse Roger. "O Hastings nem sequer faz quiroprática aqui. Ele tem uma enfermeira formada que registra os clientes - ele não usa a palavra paciente. Ele não trata ninguém... de nada..."

"Então como é que... não estou entendendo...", disse.

"Nem ele entende, Bob. Está muito chateado. A acusação é ambígua... mas parece que estão fazendo de tudo para pegá-lo."

"E por quê?", perguntou David. "Por que razão?"

Roger respirou, mostrando também sua frustração. "O único motivo que posso imaginar... e o Hastings também... é que *peessoas doentes*, estou falando de *peessoas doentes* mesmo, vêm aqui. E quando saem daqui estão boas..."

"Que tipo de doenças?", perguntei. Apesar de também estar chateado e frustrado, como Roger e Hastings, eu começava a sentir um grande entusiasmo dentro de mim.

"Bem, quando contei para o Hastings sobre a minha situação... sobre a AIDS, e como recuperei totalmente a saúde, ele, bem, ele simplesmente concordou. Disse-me: sei como é. Acontece o tempo todo. Tivemos três aidéticos aqui no mês passado. Quando voltaram para casa, sugeri que marcassem uma consulta com um médico diferente. Para serem examinados *sem dizer nada* sobre o diagnóstico anterior..."

"E eles fizeram isso?", perguntou David.

"Claro que fizeram!"

"E aí?", perguntei.

"Hastings disse que todos os clientes seguiram o conselho e fizeram o que ele sugeriu. Agora, esta é a notícia maravilhosa: em todos os casos o médico deu atestado de saúde perfeita!"

Roger parou para tomar fôlego. Ouvi David dizer "Nossa!"

"E tem mais, gente". Roger continuou. "Hastings mostrou seus relatórios para mim. Li tudo. Pareciam relatórios sobre Nossa Senhora de Lourdes. Pessoas de todo tipo estiveram aqui no centro. Pessoas com artrite, que não andavam mais. Até piores. Nem todo mundo sai daqui recuperado. Mas muitos saem... um monte de gente. Mesmo assim", Roger acrescentou, pensativo, "a porcentagem dos que saem do centro de Hastings com boa saúde é maior que a dos que saem da maioria dos hospitais..."

"Mas, talvez o mais importante, a porcentagem dos que *continuam* com boa saúde é maior..."

"Por quê, Roger?", perguntou David.

"Porque quando as pessoas estão aqui no centro elas aprendem muita coisa, não só sobre como se curar e continuar bem, mas também aprendem os motivos de ficarem doentes."

"Então a experiência traz benefícios duradouros", disse, raciocinando - que dádiva maravilhosa recebem essas pessoas.

"É sim, benefícios que literalmente modificam a vida e a saúde", Roger completou.

"Quando as pessoas saem do centro em bom estado, quem verifica sua cura?", perguntou David.

"Não é o Hastings. Nem a enfermeira. Eles pedem aos clientes para voltarem aos seus médicos para serem examinados. E é isso que fazem."

Durante alguns instantes, ninguém falou. Só se ouvia o som da nossa respiração. Finalmente, perguntei, "O que você acha, Roger?"

"Você quer dizer, sobre montar um centro assim? Ou sobre tentar comprar e manter o centro?"

"Qualquer um dos dois."

Roger respondeu lentamente, como se já tivesse pensado muito no assunto. "Acho que não vai dar certo. Acho que a AMA logo começaria a nos perseguir também."

"Sob que acusação?", perguntou David. "Somos médicos formados em medicina."

"Eu sei", disse Roger. "Hastings e eu conversamos muito sobre isso. Ele disse que a AMA cai em cima de qualquer iniciativa que dê a impressão de usar abordagens alternativas. Disse que a AMA tem fechado muitas clínicas e locais de trabalho em todo o país. Ele está muito chateado. E com medo também..."

Depois Roger desligou, David e eu ficamos sentados olhando um para o outro por alguns instantes. David só balançava a cabeça.

"Não é justo, David", disse, "não é justo... as pessoas estão morrendo por falta de conhecimentos. E não sabem como ajudarem a si próprias..."

"É, eu sei, Bob. Eu sei. E como sei. Conhecemos tão bem essa história... há muito tempo." David distraidamente lustrava o sapato na barra da calça. Olhou para mim e perguntou sem rodeios, "O que você vai fazer agora, Bob?"

"Só há uma coisa a fazer", respondi. "Escrever um livro... contar para as pessoas que *existem* boas novidades. Boas novidades sobre a AIDS. Boas notícias sobre a maioria das doenças. E que existe um jeito..."

"Mas de que vai adiantar?", perguntou David.

"Preciso encontrar um editor com coragem de publicar um livro assim. Chegar às pessoas..." Eu andava de um lado para o outro.

"Porque, na minha opinião, o único jeito de mudar as coisas é fazer com que a mudança venha do público. É semear o solo e dar início a um movimento de... raiva... frustração. Fazer com que a própria população comece a exigir mudanças na prática da medicina. Nos hospitais e na indústria da saúde..."

David estava de pé agora. "É isso mesmo, Bob. Se as pessoas começarem a reclamar, a fazer barulho, vão chamar a atenção dos legisladores. E, se mudar as coisas vai ajudar os políticos a se elegerem - não tenha dúvida de que as coisas vão mudar *mesmo!*"

Janine bateu na porta e olhou para nós. "Doutor Bob, tem um paciente esperando pelo senhor na sala de exames... um paciente com AIDS..."

David e eu nos entreolhamos. Levantei e segui Janine.

O homem era mais baixo que Roger, mais jovem, mas tinha o mesmo desespero estampado em seu rosto. Algo mais também. Culpa? Vergonha? Resignação. Tudo isso e mais alguma coisa. Era o olhar que eu tantas vezes tinha visto nos olhos dos pacientes que ficam sabendo que têm uma doença terminal.

"Estou com AIDS", disse ele, e seus lábios tremiam. "Vou morrer..."

Aproximei-me dele. Seu rosto tinha uma palidez acinzentada.

"Por que você acha que vai morrer?"

Ele encolheu os ombros. "Todos morrem."

"Todos?" Minha pergunta pareceu surpreendê-lo.

"Não é verdade?", perguntou ele imediatamente. "Mas é o que todo mundo diz."

Olhei a ficha e os dados dele. "Não, Sr. Allen, não são todos que morrem."

Por um breve momento pude perceber uma fagulha de esperança em seus olhos. "O senhor tem certeza?"

"Sim, Sr. Allen, tenho certeza..."

Ele olhou para mim sem entender.

"Você realmente quer ficar bom?"

"Quero... quero. Quero sim! Mas não existe nenhuma vacina... e dizem que isso vai levar anos..." Suas palavras transformaram-se num soluço. "Ah, doutor, eu quero viver sim. *Quero tanto viver!*"

"Sr. Allen, o seu corpo também quer viver. Mas ele está doente. O senhor sabe disso. E para que o senhor fique bom outra vez, precisamos trabalhar com o seu corpo e com o seu espírito."

Ele olhava fixamente para mim. "Acho... acho... que não estou entendendo muito bem. Por favor, o senhor pode repetir?"

"Sr. Allen, o senhor está doente porque certas coisas que fez e a maneira como tem vivido danificaram o seu sistema imunológico. O senhor prejudicou tanto o seu sistema imunológico que ele quase parou de funcionar. Está entendendo?"

Ele concordou com a cabeça, devagar. "É... acho que sim."

"Por isso, Sr. Allen, se nós - o senhor e eu - pudermos ajudar seu sistema imunológico a funcionar de novo, o senhor vai ficar bom..."

"Mas ainda não existe nenhum medicamento, nenhuma vacina que pode fazer isso..."

Coloquei as mãos nos ombros do homem. "Escute. A única coisa que um medicamento pode fazer é aliviar o mal-estar. Temporariamente. Por pouco tempo. Mas um medicamento não pode curar. Só o seu próprio corpo pode fazer isso..."

Ele ouvia com atenção tudo que eu dizia.

"...E, se eu puder ajudá-lo a para de fazer as coisas que prejudicam o seu sistema imunológico... então há uma chance de o senhor ficar bom."

Os ombros caídos do paciente se ergueram.

"O que é que eu devo fazer, doutor? Faço qualquer coisa. *Qualquer coisa!*"

"Vou dizer o que deve fazer. Mas primeiro quero que saiba que a luta vai ser dura e difícil. Muito difícil. Mas se o senhor aguentar firme... e fizer *exatamente* o que eu mandar, então, juntos... quem sabe nós vencemos essa doença. E fazemos você se curar."

Lágrimas corriam pelo seu rosto. "Tenho andado de um médico para outro... de hospital em hospital, há meses. Há meses, doutor! E por que... meu Deus, por que ninguém me disse isso antes...?"

Uma palavra de Roger

Embora praticamente todo o material usado neste livro seja originário de prontuários, publicações e entrevistas de profissionais de saúde bem informados e de cientistas, queremos lembrar que não se deve considerar esse material como orientação médica.

As informações fornecidas neste livro podem ser usadas pelo leitor por seu próprio risco, assumindo total responsabilidade por sua própria saúde e bem-estar. Esse conceito equivale à responsabilidade que a pessoa assume ao dar entrada em qualquer serviço de saúde e antes de submeter-se a uma cirurgia.

Devido à perseguição que sofrem os profissionais que usam técnicas e métodos alternativos não tóxicos muitos, inclusive o Dr. Bob e eu próprio, procuramos manter grande discrição, para nossa segurança econômica, emocional e física. Isso torna difícil responder àqueles que perguntam: "Como faço para encontrar centros de recuperação idôneos e de bom nível na região onde moro?"

Para que o leitor tenha livre acesso a essas informações e possa escolher livremente seu atendimento à saúde, recomendamos que, individualmente, ou junto com defensores dos sistemas médicos alternativos, pressionem os representantes políticos para que a legislação torne as opções alternativas viáveis.

Se o leitor acredita que precisa de um diagnóstico, uma opinião, um tratamento, conselhos terapêuticos, uma alteração no seu modo de vida ou qualquer outra ajuda referente à saúde, gostaria de conhecer instituições e/ou profissionais da saúde, que oferecem um tratamento alternativo sugiro que entre em contato com o Projeto CURE e a *National Health Federation* que podem ajudá-lo.

Estas são apenas duas das diversas organizações que lutam pela mesma causa, e ambas podem ajudar a responder suas perguntas. Além disso, vão fornecer informações sobre as campanhas que estão em andamento.

Graças a um homem que teve a coragem de arriscar sua carreira e seu futuro por mim, sou hoje um homem curado. Trabalhamos juntos, atualmente, para abrir as portas à medicina integral. Queremos ajudar para que outros bom médicos não corram o risco de comprometer o seu futuro ao tratar livremente de seus pacientes e para que todos possam escolher os cuidados de saúde que quiserem.

Não podemos fazer tudo isso sozinhos. Precisamos da sua ajuda. Isso pode ser feito entrando em contato com uma ou outra das organizações acima citadas, solicitando e trocando informações para uma ação conjunta.

Dr. Roger Cochran

Os endereços são os seguintes:

Project CURE, 2020 K Street, NW, Suite 350

Washington, D.C. 20069

National Health Federation, 212 W. Foothill Blvd.

Monrovia, California, 91016